

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS CURATORIAIS

Rosângela Cardoso

**INVENTÁRIO DA PAISAGEM, EXPERIÊNCIAS E DESLOCAMENTOS NA POÉTICA
DE LILIAN MAUS**

Porto Alegre

2020

Rosangela Cardoso

PROJETO CURATORIAL

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Práticas Curatoriais.

Orientadora: Prof. Dr^a Ana Albani de Carvalho

Porto Alegre

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Cardoso, Rosângela
Inventário da paisagem, experiências e
deslocamentos na poética de Lillian Maus / Rosângela
Cardoso. -- 2020.
68 f.
Orientador: Dr^a Ana Maria Albani de Carvalho.

Coorientador: Francisco Dalcol.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Pós graduação em práticas curatoriais, Porto
Alegre, BR-RS, 2020.

1. Projeto curatorial. 2. expografia. 3. Curadoria.
4. Lillian Maus . 5. Casa das Arte Villa Mimosa. I.
Albani de Carvalho, Dr^a Ana Maria, orient. II.
Dalcol, Francisco, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RESUMO

Este projeto curatorial consiste na apresentação da pesquisa relacionada ao *Inventário da paisagem, experiências e deslocamentos na poética de Lilian Maus*, a partir do encontro com a natureza e a produção de imagens. Através de caminhos realizados pela paisagem de Osório/RS, por terra, por ar e por água, a pesquisa visa estabelecer uma relação, a partir do olhar com o local e a multiplicidade de linguagens artísticas, um diálogo entre a arte e outros campos do conhecimento. A experiência de deslocamento, nesse processo, surge como instrumento para ver o mundo e conhecer a paisagem ligado ao fazer artístico nas linguagens, da aquarela, do desenho, da fotografia, do livro de artista e da instalação. Em cada caminho, o ato de apreender a paisagem conecta-se a interfaces com a biologia, a história, a filosofia e a ciência. O resultado plástico, dessa complexa relação, revelam um grande inventário da paisagem em 14 obras, entre 2015 a 2020, que será apresentado na exposição “*Deambulações e fragmentos da paisagem*”, na Casa das Artes Villa Mimosa/Canoas/RS.

Palavras-chave: Paisagem. Natureza. Arte. Casa das Artes Villa Mimosa.

Landscape inventory, experiences, and displacements in Lilian Maus poetics

ABSTRACT

This curatorial project consists of presenting research related to the Landscape Inventory, experiences and displacements in Lilian Maus's poetics, based on the encounter with nature and the production of images. Through paths taken through the landscape of Osório / RS, by land, air and water, the research aims to establish a relationship, from the look with the place and the multiplicity of artistic languages that arise in the dialogue between art and other fields of knowledge. The displacement experience, in this process, emerges as an instrument to see the world and to know the landscape linked to artistic making in the language of watercolor, drawing, photography, artist's book and installation. In each path, the act to apprehend the landscape is articulated to interfaces with other fields of knowledge such as biology, history, philosophy and science. The plastic result of this complex relationship reveals a large inventory of the landscape in 14 works, between 2015 and 2010, which will be presented in the exhibition "Deambulações e fragmentos do landscape", at Casa das Artes Villa Mimosa / Canoas / RS.

Keywords: Landscape. Nature. Art. Casa das Artes Villa Mimosa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Artista Lilian Maus.....	40
Figura 02 – Voo da artista Lilian Maus.....	40
Figura 03 – Inventário de Fauna e Flora, 2016.....	41
Figura 04 – Livro de Artista Estudos sobre a terra, 2016.....	42
Figura 05 – Herbarium, 2017.....	43
Figura 06 – Tapete de musgo, 2015.....	44
Figura 07 – Sobre navegar no tempo, 2018.....	45
Figura 08 – Filme Travessia e documentário do Processo de Criação Artista Lilian Maus.....	46
Figura 09 – Travessia de Beija-Flor por águas doces, 2017.....	47
Figura 10 – Fotografias Travessia de Beija-Flor por águas doces (sem textos).....	48
Figura 11 – Instalação Ofélia, 2018.....	49
Figura 12 – Instalação Pluviometria do pintor navegante.....	50
Figura 13 – Instalação Abecedário romano clássico das lagoas, 2016.....	51
Figura 14 – Estudos sobre o vento: tipologia das nuvens, 2016.....	52
Figura 15 – Estudos sobre o arco-íris, 2016.....	53
Figura 16 – Livro de Artista.....	54
Figura 17 – Planta baixa da sala de exposição.....	55
Figura 18 – Layout da exposição.....	56
Figura 19 – Caminhos por terra – parede 01	58
Figura 20 – Caminhos por terra – parede 01.....	58
Figura 21 – Caminhos por terra – parede 02.....	59
Figura 22 – Caminhos por água – parede 03	60
Figura 23 – Caminhos por água - parede 04.....	61
Figura 24 – Caminhos por água – parede 05.....	62
Figura 25 – Caminhos por água – parede 06	63
Figura 26 – Caminhos por água – centro da sala 01.....	64
Figura 27 – Caminhos por água – centro da sala 02.....	65
Figura 28 – Caminhos por água – centro da sala 03.....	66
Figura 29 – Caminhos por ar – parede 07	67

Figura 30 – Caminhos por ar – parede 07.....	67
Figura 31 – Caminhos por ar – parede 07.....	67
Figura 32 – Caminhos por terra – parede 08.....	68
Figura 33 – Caminhos por terra – parede 08.....	68

TABELA

Tabela 01 – Distribuição das obras no layout da exposição.....	57
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA	Bahia
IA	Instituto de Artes
MARGS	Museu de Arte do Rio Grande do Sul
RS	Rio Grande do Sul
PPGA	Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PROPOSTA.....	14
3 OBRA.....	18
4 ENDEREÇAMENTO.....	20
5 JUSTIFICATIVA.....	21
6 ARGUMENTO CURATORIAL – STATEMENT.....	23
6.1 Título.....	23
7 DETALHAMENTO DO PROJETO.....	40
7.1 Seleção de obras.....	41
7.2 Expografia.....	55
7.2.1 Planta baixa do espaço expositivo.....	55
7.2.2 Layout da exposição.....	56
7.3 Relações entre as obras.....	69
7.4 Proposta educativa.....	72
8 TEXTO CURATORIAL.....	73
9 CONCLUSÃO.....	74
BIBLIOGRAFIA.....	75

1 INTRODUÇÃO

O projeto de proposta curatorial *Inventário da paisagem, experiências e deslocamentos na poética de Lilian Maus* dedica-se a analisar a produção poética da artista Lilian Maus a partir do conceito norteador de Paisagem, abordado pela perspectiva das obras de arte e suas leituras conectadas aos outros campos do conhecimento ligados à biologia, filosofia, história e ciência.

Com a finalidade de realizar uma exposição individual da artista Lilian Maus e de sua produção artística dos últimos 5 anos, a mostra exhibe 14 trabalhos artísticos, considerando a participação afetiva da artista na seleção das obras.

Para fundamentar a produção da artista, deste período, buscou-se referências no conceito da paisagem, entre outras bibliografias, no livro *Poética e filosofia da paisagem*, de Michel Collot (2013) e *A invenção da paisagem*, de Anne Cauquelin (2007). O primeiro autor define a paisagem como uma relação complexa entre o local, o olhar e a imagem. Neste sentido, a paisagem não é só um lugar externo como referência para a criação artística, mas o encontro do olhar do artista que estabelece uma ponte entre a linguagem artística e o mundo. O segundo, parte da premissa que a noção de paisagem é uma construção cultural dos modos de ver e sentir, uma aprendizagem. Para Cauquelin (2007) a paisagem não é um dado natural e nem universal, ela é construída pelas diversas camadas de aprendizado ao longo de uma cultura. Como fruto de aprendizado, vincula-se às relações com o lugar e o tempo refletido nas diversas narrativas da arte.

A definição da exposição, na relação entre curadoria e expografia, surgiu de uma constante inquietação: como apresentar um conjunto de obras que já foram mostradas em outras exposições, a partir de uma expografia que se especializasse como “paisagem”, frente a arquitetura do espaço expositivo da Casa das Artes Villa Mimosa, com poucas paredes e muitas aberturas?

Diante do propósito de materializar o conceito de paisagem buscou-se estabelecer uma relação entre o olhar, a produção plástica e os deslocamentos da artista na paisagem. A montagem, neste intento, optou por inserir as obras em núcleos discursivos, reunindo 14 obras a partir dos caminhos percorridos por terra,

por água e por ar e, por afinidades poéticas-visuais da pintura, do desenho, das instalações, do vídeo e das fotografias.

O aprofundamento dessas questões, estrutura-se, desta forma, a partir de uma abordagem desenvolvida em tópicos que fundamentam o projeto, considerando a proposta de exposição apresentada no tópico 2. No próximo tópico, o texto apresenta as obras a partir do processo artístico no contexto em que foram produzidas, para em seguida tratar do endereçamento de público, no tópico 4.

A relevância do projeto e suas contribuições para o campo da curadoria é bordada por dois pontos de vistas: possibilidades de montagem e ampliação de circuito fora dos grandes centros urbanos, tópico 5, que trata da justificativa da proposta curatorial.

Com o objetivo de apresentar as bases do argumento curatorial, junto ao conceito norteador da *paisagem* e suas interconexões com a natureza, a arte, e outros saberes. O tópico 6 dedica-se a estabelecer relações entre conceito, meios plásticos e visuais às linguagens vinculadas ao fazer artístico suscitado nos deslocamentos pela paisagem, seus modos de ver e sentir experiências ligadas ao plano terrestre, o reino das águas, a infinitude do céu e compartilhados por meio da linguagem da arte, reunindo fragmentos da paisagem.

No intuito de apresentar os 14 trabalhos artísticos de Lilian Maus e a distribuição das obras no espaço expográfico, o tópico 7, coloca ainda, a relação entre os trabalhos e procedimentos curatoriais, encaminhando para uma proposta educativa como possibilidade de mobilização de público.

No tópico 8, amarrando conceito e poética, o texto curatorial, *Deambulações e fragmentos da paisagem*.

Por fim, a conclusão que trata do estudo do tema da paisagem e sua apreciação, onde chegou-se à noção de paisagem liga-se a uma percepção do mundo interior de quem o observa, mas não somente como uma projeção de si diante da imagem, mas como uma construção de relações culturais e processos subjetivos. Também revela que a arte, ligada ao gênero tradicional da paisagem, por muito tempo, demonstrou o desejo de controle sobre o mundo visível: a terra,

as plantas, os rios, céus, nuvens e mar. Porém, na arte contemporânea o conceito de paisagem é expandido para outros territórios que não pertencem somente ao regime de visibilidades. Ela desloca-se, apriori, na hibridização de conceitos e linguagens, produzindo referenciais teóricos e plásticos, implícitos na visão de mundo do artista.

Entretanto a pesquisa em si abre-se para outros tipos de implicações não abordadas neste projeto de pós graduação, mas que merece a atenção para as discussões ambientais vinculadas a paisagem e a preservação da natureza.

2 PROPOSTA

A proposta de curadoria busca realizar a exposição individual da artista Lilian Maus, considerando uma curadoria técnica e afetiva, com a participação da artista.

A exposição antológica apresenta os trabalhos artísticos da artista Lilian Maus dos últimos cinco anos, a partir do ano de 2015 que remetem a pesquisa sobre o percurso da artista no interior da paisagem de Osório, no Rio Grande do Sul. A mostra abrange 14 obras, em uma multiplicidade de trabalhos e de materiais relacionados as experiências vividas da artista, na natureza e nas histórias ouvidas, através dos caminhos percorridos por terra, por água e por ar, em representações artísticas nas linguagens do desenho, pintura, fotografia, vídeo e instalação.

A intenção é abordar as obras e suas leituras relacionados a experiência da artista e sua produção poética da paisagem, a partir da pluralidade das linguagens artísticas e suas interfaces com outros campos do conhecimento.

Na poética visual de Lilian Maus as motivações são múltiplas, mas um dos temas que atravessam os trabalhos é a paisagem. Em seu depoimento, em entrevista a artista coloca que:

[...] na verdade por trabalhar com paisagem, esse repertório vai ser bem amplo, entendendo a paisagem não só como meio ambiente, mas também como a paisagem cultural. Essas duas instâncias, o ambiente e o homem estão em constante interação, então não existe o homem sem a paisagem e não existe a paisagem sem o homem dentro da história humana, porque a gente sabe que a paisagem, ainda mais é anterior a nossa vida humana [...] (MAUS, 2020).

Lilian Maus é artista e professora de pintura do I.A/UFRGS. Nasceu em 16 de novembro de 1983, em Salvador/BA, atualmente vive entre as cidades de Porto Alegre e Osório/RS. É Doutora em Poéticas Visuais e Mestre em História, Teoria e Crítica - PPGAV/ I.A/UFRGS. Graduou-se no Bacharelado em Artes Visuais e na Licenciatura em Artes Visuais pelo mesmo instituto. Como pesquisadora integra o conselho de revistas especializadas como DAPESQUISA, CLIMACOM e HIPOCAMPO. Foi gestora do espaço cultural independente Atelier Subterrânea (POA

2006-2015) e hoje está à frente da curadoria artística do Azzurra, em POA. Na sua produção artística busca desenvolver pesquisas na linguagem pintura, entre outras, onde a hibridação entre os meios transita pela aquarela, a clepsidra com tinta acrílica, óleo e água, pastel e nanquim.

Uma das suas primeiras exposições individuais “*Nas entrelinhas do diário*” aconteceu em 2007, no Studio Clio, em Porto Alegre/RS, onde a artista apresenta seus diários, pintura em aquarela, desenhos e escritos sobre papel e elaborados diretamente na parede da micro galeria, registrando o seu processo de trabalho e tecendo relações com a realidade e a imaginação. A artista também expôs “Pintura aos peixes”, na ARTRIO, Rio de Janeiro/RJ, em 2018, “Olho d’água: por uma poética de travessia”, (curadoria: Márcio Harum), na Galeria Aura, São Paulo, em 2018; “Expedição pela Paragem das Conchas”, Lilian maus (curadoria: Bruna Fetter), Espaço de Artes da UFCSPA Exposições Coletivas, Porto Alegre, em 2016; “O Jardim Sensível”, Galeria Pop up Aura Iguatemi, Porto Alegre, em 2016; – “Fissuras da Paisagem: enredo de quatro mulheres” (curadoria: Daniela Kern), no SESC/Centro, Porto Alegre/RS, em 2018, “O lugar enquanto espaço” (curadoria: Francisco Dalcol), na Galeria Baró, São Paulo/SP, 2018.

A curadoria optou por uma montagem que insere as obras em núcleos discursivos, reunindo 14 obras a partir dos elementos da terra, da água e do ar e por afinidades poéticas-visuais da pintura, do desenho, instalações, vídeo e fotografia. A proposição do projeto curatorial buscou a contribuição do artista vivo na escolha das obras, dentro de uma perspectiva afetiva, como ponto de partida para elaborar uma expografia técnica/intuitiva, para ativar experiências visuais no tema da paisagem, no sentido de criar outras possibilidades de leituras e fruição. Considera, também, a contribuição do artista vivo na apresentação de trabalhos na arte contemporânea, “a fim de mediar os atravessamentos e contaminações entre os processos artísticos, procedimentos curatoriais e estratégias curatoriais” (DALCOL, 2018, p. 2). A proposta curatorial, neste contexto, apresenta as obras no formato que não fora pensado antes. Relações entre elas, o espaço expositivo e o conceito da paisagem, assentados na arquitetura da Casa das Artes Villa Mimosa, onde janelas e portas funcionam como uma moldura para o olhar, estabelecem na divisão por núcleos, uma

montagem expográfica ligada aos caminhos percorridos na paisagem pela artista, como forma de experimentar os diferentes modos de aproximação e contato entre a obra e o espectador.

A pesquisa inicial partiu da visualização no site da artista em que buscou-se tecer relações entre sua produção poética e proposições artísticas para, em seguida fazer as entrevistas com a artista. Previa a visita ao seu ateliê, o que não foi possível devido a pandemia do Covid-19, conseqüentemente o isolamento social. Durante as conversas, Lilian Maus revelou o desejo de trazer ao público novamente, um conjunto de obras significativas para a artista que foram produzidas durante período de pesquisa no doutorado em poéticas visuais - “(Des)apre(e)nder o ver com a paisagem: a expedição pela Paragem das Conchas” (2016) e que segue sendo desdobrada até os dias de hoje.

Lilian Maus fala do projeto com muito carinho e lembra que, durante a execução, o projeto sofreu vários baques, alguns de ordem financeira, outros acadêmicas. Com entusiasmo, fala sobre as pessoas que se envolveram e acreditaram no projeto, como o seu Jorge, parente da Maria Luíza, a noiva assassinada que está representada na obra *Ofélia* (2018) e, de quando seu Jorge pergunta para a artista, “como guria tu se interessa por essas coisas, por esse mundo que ninguém se interessa?” Muitas trocas foram realizadas em parceria afetiva, diz a artista “todo mundo que se aproximou da coisa, acreditou na ideia, as pessoas começaram a ver poesia no cotidiano delas. Foi um ganho para o projeto. Um projeto que começou do meio para as pontas onde a forma de pensar é redonda, sinuosa, humana e que sensibiliza” (MAUS:2020).

A exposição se especializa como uma moldura da paisagem em fragmentos, em que os planos espaciais e as obras vinculam-se aos caminhos por terra, por água e ar, suscitando novos sentidos ligados a experiência da descoberta, do estranhamento e da contemplação. Propõe, desta maneira uma experiência aberta ao espectador, convidando-o para constituir seus próprios caminhos interpretativos, criando conexões entre os diferentes trabalhos artísticos que provocam múltiplos estímulos nas formas de ver, de sentir e significar a paisagem na obra de Lilian Maus.

Embora algumas das obras já terem sido apresentadas em outros espaços expositivos, a montagem é original, dado ao desafio de configurar a expografia de 14 trabalhos, desdobrados em múltiplas linguagens, nos planos bi e tridimensional, em único espaço.

A mostra apresenta dois pontos diferenciais – uma que distingue da produção anterior da artista, onde suas experiências começaram no ateliê que funcionou como um jardim no cultivo da linguagem do desenho e da escrita poética, até que este jardim, dedicado a produção de imagens, cede espaço para as deambulações diárias ao sítio do Morro da Borússia, “[...] o jardim virou floresta e o cultivo de linguagem, expedição”(MAUS: 2016). Outra, que a exposição apresenta, pela primeira vez na região sul, fora do eixo Rio - São Paulo, o trabalho *Pluviometria do Pintor Navegante* (2020).

Os parâmetros curatoriais buscam sobrepor tonalidades, dentro da exposição, a partir das relações interconectadas do lugar como referência, o deslocamento como experiência fenomenológica e de um olhar que ressignifica a paisagem na produção de imagens e de conhecimentos. A análise dos critérios curatoriais baseia-se na ocupação do espaço, nos elementos formais, afetivos e não cronológicos.

3 OBRA

Apresentada em núcleos, as obras estão expostas de maneira a recriar a experiência da artista através dos caminhos percorridos na paisagem.

Na série *Inventário de fauna e flora* (2016), as obras estão ligadas à experiência terrena, onde os trabalhos realizados têm como ponto de partida as trilhas pela mata. Dezoito aquarelas apresentam pequenos animais silvestres e plantas nativas da mata atlântica. Neste núcleo também está *Herbarium* (2017), uma série de estudos sobre a terra, onde as plantas da região foram coletadas no Morro da Borússia, catalogadas e passaram por um processo de secagem.

Na experiência das “Águas”, a artista navegou de barco pelas lagoas de Osório, coletou águas, investigou acontecimentos como um detetive forense. Os trabalhos apresentados no núcleo caminho por águas envolvem, tanto a *Lenda da Noiva da Lagoa*, com a instalação *Ofélia* (2018), como o *Soçobro* - que representa o naufrágio de 1947, na Lagoa da Pinguela, trazendo vinte fotografias na obra *Travessia de Beija-flor por águas doces* (2016), acompanhados da descrição textual das imagens e, do feminicídio que acaba reforçando a *Lenda da Noiva na Lagoa* dos Barros. Na obra *Sobre Navegar no Tempo* (2018), 3 pequenas fotografias, dispostas em 3 pastas arquivos trazem o recorte em círculo de da performance realizada pela artista, junto com o seu Jorge no barco Beija-flor, outra do naufrágio e outra, ainda de um detalhe da obra *Ofélia* (2018). O Filme *Travessia e documentário do Processo de Criação*, (2016) de 11 minutos traz o processo criativo e as buscas por fatos históricos, em arquivos de época e notícias da imprensa. Entre os fatos históricos, a artista joga com o mito e a ficção, dando vida a um imaginário onde a realidade funde-se com a ficção. O filme apresenta a performance de Lilian Maus, realizando a mesma travessia pelas lagoas feita por Bento Gonçalves (1788 — 1847), um dos heróis Farroupilha, e que culminou no episódio do naufrágio de 1947, no mesmo dia em que a Revolução Farroupilha é comemorada, 20 de setembro. Também neste núcleo, a instalação *Abecedário romano clássico das Lagoas*, com as águas coletadas das 23 lagoas que compõe o estuário de Osório e uma grande pintura em aquarela das 23 lagoas.

O núcleo vinculado ao “Ar” apresenta trabalhos ligados a experiência do caminho por ar, em que a artista se lança pelos céus de Osório de paraglider, originando a série *Inventário dos céus e das nuvens* (2016). Por meio de estudos pictóricos das nuvens em aquarela, crayon e pastel seco, a artista constrói narrativas em observações pontuais do céu de Osório. O livro de artista *Estudos sobre o vento – voo livre* (2016) - traz uma catalogação do céu, a partir de tipologias dos ventos, das nuvens e do mar. Em *Estudos do arco-íris* (2016), uma pesquisa sobre as disposições do arco-íris em diferentes paisagens e ambientes.

O conjunto das obras, apresentadas na exposição, aproximam-se de uma poética vinculada a um inventário da paisagem por meio dos deslocamentos e das experiências com a natureza. No ato de caminhar pela paisagem “à caça de imagens” (MAUS, 2016:85) os elementos que compõe a paisagem como terra, água e ar são ressignificados através arte, para estabelecer, enfim, uma interconexão de sentidos que não se limitam a reproduzir imagens, ou uma visão tradicional do gênero paisagem.

O exercício da observação dos espaços naturais habitados por plantas, animais e seres de toda espécie, em boa parte se dá na relação da artista com a paisagem como forma de investigação. Ao aproximar os elementos como a fauna e aflora, lagoas e o céu do lugar, o olhar investigativo da artista, por meio das linguagens da arte contemporânea, toma para si conceitos da ciência, da filosofia e da história em estéticas que ultrapassam a mera representação do visível. Em uma complexa interação entre o local, o olhar e a imagem, as obras colocam em relação uma visão de mundo que permeia todo o fazer artístico e de uma linha do horizonte que se move a cada dia, articulando todos estes saberes e conferindo visibilidade ao que está para além da aparência na paisagem.

Desta maneira, partindo das trilhas pela mata rumo ao navegar por águas, até o voo pelo céu, que acaba por tonalizar de azuis a paisagem fragmentada, o ato de caminhar revela olhares numa simbiose cadenciada entre o ver e conhecer, trazendo para as obras as diferentes tonalidades entre tempos e dimensões relacionadas a natureza, a biologia, com interfaces na história do lugar, seus habitantes e imaginários.

4 ENDEREÇAMENTO

A mostra é destinada ao público especializado, escolares, curiosos e leigos e está prevista para ser inaugurada em abril de 2021, na Casa das Artes Villa Mimosa, RS/Canoas.

Localizada na região metropolitana, a Casa das Artes visa proporcionar à comunidade o acesso aos bens culturais e espaço para formação, oferecendo cursos, oficinas e workshops nas diversas linguagens - nas artes visuais, audiovisual, dança, música e do teatro, aproximando o público da produção artística e estimulando a reflexão e fruição. Alguns desses cursos são oferecidos por meio de fomentos à cultura - edital de uso dos espaços, programa de incentivo à cultura e microcrédito cultural. Além disso, conta com uma programação própria que oportuniza a visibilidade da produção acadêmica na arte contemporânea, como recitais de piano, violão, canto, a apresentação de espetáculos teatrais, musicais, exposições de artes visuais, mostras de cinema, conversas e debates com artistas e agentes culturais e atividades ligadas à leitura e à literatura.

5 JUSTIFICATIVA

A relevância para o campo das práticas curatoriais da proposta, na Casa das Artes Villa Mimosa, vem contribuir para ampliar o discurso relacionado as possibilidades de exposição e montagem fora do modelo tradicional do cubo branco.

No livro, no livro *Histórias das Exposições*, caracteriza o cubo branco “como um espaço simples, de paredes brancas sem ornamentos onde as obras de artes estão dispostas em sequência linear, onde, geralmente uma grande obra ocupa uma parede e as esculturas ficam no centro da sala” OLIVEIRA (2016:6). A estratégia do cubo branco realça as qualidades formais de um trabalho de arte, neutralizando seus contextos e proposições originais. Uma das críticas a esse modelo, segundo a autora, além de um modo de apresentação, a concepção do cubo branco está ligada a construção de um espectador ideal, de classe média, adulto e branco.

A Casa é uma edificação de 1905 e mantém sua arquitetura original. Mesmo após seu tombamento, restauração e adequação de algumas salas, para funcionarem como ateliê, audioteca do jazz, sala multiuso para espetáculos teatrais, dança, música e recital de piano, o espaço expositivo manteve suas 7 janelas distribuídas na parte frontal e laterais e 2 portas, já que este espaço, originalmente era a sala de entrada da Casa da família Ludwig. Com muitas aberturas que permitem a entrada de luz durante o dia, assim como a ventilação e poucas paredes, a Casa, portanto não possui uma arquitetura neutra. A iluminação da galeria é distribuída em spots nos perfilados que podem ser direcionados, conforme o design da expositivo. As paredes na cor palha natural, junto as aberturas na cor amarelo claro, são pontos em ruptura com a neutralidade do modelo expositivo que destacam as obras em grandes paredes brancas. Por essa razão, portas e janelas são lugares que funcionam como eixos expositivos disparadores para ressignificar as relações espaciais entre as obras. Enquanto patrimônio histórico, também não é possível furar as paredes.

Limites como estes impõe uma certa dose de contingenciamentos estruturais, tornando-se um grande desafio a montagem a cada nova exposição. Nessa, especialmente que apresenta uma multiplicidade de linguagens, de uma única artista,

impõe procedimentos curatoriais¹ pautados pelos planos e cortes de uma grande paisagem.

Outra contribuição é que exposições como da artista Lilian Maus, na Casa das Artes Villa Mimosa, também contribui para ampliar o público para o segmento artístico que ela representa, considerando o circuito contemporâneo e acadêmico fora dos grandes centros urbanos.

¹ como pode ser observada na expografia, tópico Detalhamento.

6 ARGUMENTO - STATEMENT CURATORIAL

6.1 TÍTULO

Inventário da paisagem, experiências e deslocamentos na poética de Lillian Maus.

Palavras chaves

Paisagem. Natureza. Arte. Casa das Artes Villa Mimosa.

Um local, um olhar e ações em cada lugar, neste contexto é que surge a paisagem na poética de Lillian Maus. Uma paisagem que suscita uma multiplicidade de sentidos quando observada em seus fragmentos e que no seu conjunto dão forma a um atlas afetivo. Em incursões pelo interior das paisagens de Osório, a artista se lança à experiência de encontros com natureza cercada de lagoas, mata Atlântica e morros. É neste território que a artista apreende seu objeto artístico, para a partir daí criar variadas narrativas nas diversas linguagens artísticas, construindo pontes entre o imaginário, fatos e a realidade.

As expedições que a artista realiza na paisagem, junto as produções em seu ateliê, apresentam uma investigação profunda da fauna e da flora, das lagoas e do céu de Osório, em interfaces com outros campos do conhecimento, dando origem a um grande inventário da paisagem. Para a artista expedir, enquanto ação, pode ser interpretada como “liberar os pés das cadeias” e das concepções conhecidas sobre o lugar. É buscar um sentido mais amplo capaz de articular os elementos encontrados na paisagem, até então desconhecidos, na arte e na ciência (2016:43).

Robert Smithson, no livro *Walkscapes*, relaciona o ato do caminhar ao encontro do olhar com ação de expedir. Para ele, “o caminhar condiciona a vista e avista condiciona o caminhar, a tal ponto que parece que apenas os pés podem ver” (2013:110). Desta maneira, o caminhar pode ser entendido como um ato cognitivo que interage com os sentidos.

Na experiência do caminhar, se estabelece uma multiplicidade de dimensões do olhar, em camadas de sensações e de percepções ligadas a visão e a uma sintaxe da arte que torna visível, na paisagem, o que não é visível. O autor ainda menciona o trabalho de Lygia Clark, *Caminhando* (1964) em que a artista disponibiliza uma fita de Moebius para que seja cortada pelo público com o auxílio de uma tesoura. Em uma microescala, a artista apresenta uma metáfora do ato de caminhar, deslocar-se, ou ainda, de se deslocar como abertura ao desconhecido.

Na medida que a artista se aventura por caminhos por terra, por água e por ar, outras percepções sobre o lugar se apresentam e se distinguem de uma paisagem anterior, conhecida na sua infância, mas que agora é desvelada não só pelo que está ali visível, aparente, mas também no que está imerso na profundidade de sua superfície - um outro olhar, um outro tempo. Aquele musgo, a lagarta medideira, a gralha-preta, seres poucos observados, seja por seu tamanho, ou pela possibilidade de avistamento. Nesse ambiente - sua natureza e tudo o que é possível conhecer sobre ele, já não pertencente unicamente à noção de imagem. A partir de uma rede de conexões com outros saberes, os trabalhos da artista se desdobram numa intensa poética da natureza, onde a paisagem é apresentada sob corte - em fragmentos - que vislumbram um modo particular de reinventar conceitos ligados a ideia de natureza e de paisagem, nomeando o que escapa em trabalhos que exploram suportes variados e técnicas diferenciadas. Para Kátia Canton:

Historicamente, o conceito de natureza tem sido continuamente representado na arte sob forma de paisagem. Particularmente, a pintura de paisagem tornou-se, desde seu surgimento como gênero artístico no século XVII, uma potente metonímia, apresentando elementos como árvores e plantas, rios e mares, terra e céu, como seria a ideia de uma natureza universal. O significado que o artista atribui ao conceito da natureza se expande e se transforma com o tempo, das formas míticas e antropomórficas criadas pelos pintores do Romantismo, até hoje. CANTON (2013:15).

Se por um lado a paisagem inventariada, em Lilian Maus emerge das experiências vividas que atravessam o mundo percebido, a imanência do vivido transcende o próprio vivido de um “corpo/linguagem/paisagem” que vai libertar, ao mesmo tempo, um fluxo entre a paisagem interior e exterior. De um corpo que se desloca em encontros com a natureza, constituindo sensações vivas - é a própria

carne do corpo que desabrocha na casa, no habitar, na mata, ou seja de experiências fenomenológicas entre a paisagem e o fazer artístico como num jogo de encontros cadenciados entre o corpo, a linguagem e o mundo que não se dá de modo exclusivamente perceptivo e, ou intelectualizado no trabalho artístico. Na paisagem, a atmosfera está relacionada à apreensão do lugar que não está completamente isolado de quem a percebe, e nem completamente no seu interior como projeção de uma experiência interna, ou de uma história pessoal. A paisagem, neste sentido é o encontro entre uma visão exterior e interior, sendo resultado desta mediação. Portanto nenhuma paisagem é naturalmente dada, ela mobiliza reciprocidades entre o corpo, o lugar e a imagem.

Por outro, explicita uma poética que não se fixa só no campo da arte, avançando em outras direções que estabelece uma “práxis” artística, onde o fazer artístico é gerador de novos conhecimentos. A produção plástica das linguagens dá lugar a um processo criador que busca constantes suportes conceituais e teóricos implícitos e que não exclui a possibilidade de descobertas e a exploração de caminhos não previstos inicialmente, um processo aberto para dar forma a essa paisagem.

As acepções da palavra “paisagem” suscitam algumas diferenças etimológicas. O termo francês *paysage* tem o significado atribuído ao “campo” associado ao olhar que se coloca sobre uma região. A paisagem em inglês *landscape*, designa, tanto um terreno observável, quanto uma forma de representação. Ambos não remetem a um olhar singular de um sujeito, embora possa representar uma imagem pictórica, mas sim está vinculado a noção da própria terra, ou que é compreendida como pertencente a um povo. A palavra em alemão *landshaft*² dá origem aos termos em francês e inglês.

Mesmo que pareça incoerente e até mesmo dialético, a paisagem na obra de Lilian Maus está mais para o deslocamento de conceitos implícitos a um enquadramento da paisagem e suas acepções, para uma noção que nos permite ultrapassar a percepção da paisagem, fora do dualismo sujeito/objeto, visível/invisível,

² O conceito abrange “dimensões de toda uma região com suas complexidades morfológicas, não se limitando, portanto, ao sentido estrito daquilo que se abarca com o olhar, a cena”. (HOLZER, 1998).

sentido/sensível, a matéria do pensamento, o espírito do corpo, a natureza da cultura (COLLOT, 2013:18). No entanto, se por um lado o termo paisagem está vinculado à pintura e, portanto, a um modo de ver a natureza, por outro, também pode significar o próprio lugar, ou meio ambiente. Para o pensador Collot, o lugar é a própria paisagem. E assim a arte da paisagem não está condenada a reproduzir um elemento imutável da natureza, ou repetir estereótipos desgastados de um modelo cultural a seguir, relações inventivas entre a paisagem e a cultura podem participar e uma recriação da natureza pela cultura e da cultura pela natureza.

Os trabalhos da artista trazem uma abertura do horizonte que não segue em linha reta, como na centralidade da linha do horizonte observada na pintura do gênero paisagem, mas que se apresentam como formas do olhar para os encontros da arte e a natureza - um olhar investigativo do artista-viajante que deseja ver por si mesmo - um olhar sensível e inteligível que dialoga com outros campos do conhecimento. A experiência de deslocamento, nesse processo, surge como instrumento para ver o mundo e conhecer a paisagem, criando aberturas fenomenológicas em interfaces com a linguagem poética das artes visuais com a biologia, a geografia, a história e a filosofia. Segundo Lilian Maus, ao sair “à caça” de imagens, o olhar expedicionário apreende a paisagem” (2016:85).

Neste sentido, a paisagem na obra da artista, segundo Michel Collot é o resultado da interação entre o lugar, sua percepção e sua representação, (2013:18), uma interação entre o afetivo e o visual que nos convida a pensar a paisagem de outro modo. A paisagem como transgressora da oposição entre sujeito-objeto, o individual e o universal, onde a percepção da paisagem não pode ser isolada das circunstâncias e contextos que a envolvem na relação sensível com o mundo. Através da paisagem, mesmo que em seus fragmentos, o lugar, o olhar e a imagem, tornam-se juntos, uma forma de mediação entre o mundo das coisas e a nossa subjetividade. Para o pensador francês, Michel Collot:

Por definição, a paisagem é um espaço percebido, ligado a um ponto de vista: é uma extensão de uma região (de um país) que se oferece ao olhar de um observador. Objertar-me-ão dizendo que é também – ao que parece, a princípio, se seguirmos a cronologia das acepções da palavra *paisagem* na história das línguas românicas - uma representação pictórica.

De fato, a noção de paisagem envolve pelo menos três componentes, unidos numa relação complexa: um local, um olhar e uma imagem. As teorias da paisagem deram ênfase ora ao primeiro, ora ao último desses componentes, em detrimento do segundo. (COLLOT, 2013:17).

Nesta perspectiva, é o olhar que ressignifica o local a partir do momento em que é percebido pela artista, transformando-o em paisagem. Também é pelo olhar que o ambiente se torna paisagem. Ambos são definidos quando em relação a um determinado olhar. Isso é o que nos distingue da percepção de um animal. Michel Collot justifica que “um ambiente não é suscetível a se tornar uma paisagem, senão a partir do momento que em que é percebido por um sujeito” (2013:19). O animal vive imerso, no seu ambiente e presta a atenção tão somente aos “objetos” que possuem significação ligadas a funções precisas, ou uma “proto-paisagem”. Já o ambiente para nós humanos, segundo a visão de Collot, toma como princípio a ótica ecológica iniciada por Gibson, que condiciona o aparecimento da paisagem a conquista da posição vertical pelos nossos antepassados, que os definem, desta forma, como ser de distâncias. Com um olhar voltado para o céu e não mais fixado no chão, é possível vislumbrar a linha do horizonte, suas bordas e limites móveis.

Curiosamente a visão que transforma o local e o ambiente em paisagem, revela, também, a dicotomia do olhar que difere a ótica ecológica da ótica científica, indicando que a primeira poderá estabelecer relações entre o ambiente visual e a paisagem, que segundo o mesmo autor - o ambiente visual é uma “paisagem em potência vinculado a uma estrutura de horizonte” (2013:21) - um olhar fenomenológico. Já a segunda, isola os afetos do objeto – um olhar cartesiano.

Para Paul Klee, o diálogo do artista com a natureza é um caminho a percorrer que tanto envolvem a visão ótica, como a não-ótica. Um olhar nos diz mais da imagem do que somente aquilo que ela apresenta. Enquanto objeto se amplia para além de sua aparência, “por meio de nosso saber acerca de seu interior”(2001:82). Esses caminhos convergem para o “eu” do artista, sua subjetividade. Segundo Paul Klee:

Por sabermos que a coisa é mais do que aquilo que se reconhece em seu aspecto. O Homem disseca uma coisa e visualiza o seu interior, em camadas nas quais o caráter do objeto se ordena segundo o número e o tipo dos cortes necessários.

A soma das experiências realizadas desse modo torna o “eu” capaz de convergir do aspecto ótico exterior para o interior do objeto. E isso intuitivamente, uma vez que já no caminho físico-ótico da aparência o “eu” é despertado para conclusões sensíveis que, dependendo da direção tomada, podem transformar as impressões exteriores em penetração funcional mais ou menos elaborada. Antes de um ponto de vista anatômico, agora de um ponto de vista psicológico. KLEE (2001:83).

A partir desse encontro, do olhar do artista com caminhos percorridos, as obras criadas fundamentam-se em uma poética que coloca em relação vários elementos da paisagem fragmentada, a fim de estabelecer uma trama de imagens, de diferentes pontos de vistas. Suas linguagens sugerem contornos que sintetizam uma visão exterior e do olhar interior, desviando da imagem ótica para uma totalidade de configurações livres que ultrapassam os esquemas de uma paisagem naturalizada pela mimesis, ou de uma paisagem inventada pela ótica renascentista, como verdade absoluta. No entanto, na poética da paisagem, a artista cria uma obra que alcança uma nova naturalidade. Em diálogos entre a arte com o ambiente, a paisagem é desvelada pela densidade do real e do imaginário, onde desejo da descoberta se aproxima de uma representação visual e daquilo que escapa - sua invisibilidade.

Isso nos faz refletir, por hora, de maneira metafórica, que *“Pensar é estar doente dos Olhos.”* Essa é uma posição recortada da análise de Leyla Perrone-Moisés, referente a poesia de Fernando Pessoa:

Cada pessoa é um olhar lançado ao mundo e um objeto visível ao olhar do mundo. Cada corpo dispõe de um jeito de olhar que lhe é próprio e essa particularidade condiciona também sua visibilidade como corpo diferente dos outros. (MOISÉS1988:327).

Há de considerar, ainda, a questão do olhar na concepção da paisagem, onde por muito tempo o lugar foi considerado um modelo que a arte deveria imitar. Nem mesmo a concepção moderna da arte considerou a especificidade do olhar sobre a paisagem, ao invés disso, os modernos tentaram inverter a lógica do modelo baseado na mimesis: ora prevalecia o local, ora a imagem. Segundo Michel Collot:

É o olhar que transforma o local em paisagem e que torna possível sua “artialização”. O olhar constitui uma primeira configuração dos dados sensíveis, a sua maneira, é o artista “paisaginador” antes de ser paisagista.

É um ato estético, mas também um ato do pensamento [...] (COLLOT, 2013:18).

Para Anne Cauquelin, a apreensão da paisagem se dá como um ato cultural e como produto de um longo aprendizado, no qual se aprende modos de ver e modos de sentir. A paisagem, arraigada às convenções pictóricas e da literatura ligam a visão da paisagem a um certo estado de cultura, de onde a concepção da natureza equivalia ao quadro de uma paisagem, enquanto um conjunto ordenado em uma visão: terra, água e ar, portanto os “dados de um determinado elemento”, como flora, fauna e o reino mineral tendiam a certeza do que é realidade - ou natureza como equivalente a concepção de paisagem. Uma visão de conceitos ligados as formas de ver da cultura de uma época. A autora coloca que:

Parece, então, que a proposição segundo a noção de paisagem e sua realidade percebida são justamente uma invenção, um objeto cultural patenteado, os quadros da percepção do tempo e do espaço [...] (CAUQUELIN, 2007:12).

Segundo a autora, no livro *a Invenção da paisagem (2007)* – a paisagem como a conhecemos, até os dias de hoje, muito se deve a tecnologia da perspectiva. Junto a invenção da perspectiva surgiu também o nascimento do termo “paisagem”, segundo alguns estudiosos, por volta de 1415, na Holanda. Cauquelin defini que, a paisagem é concebida a partir do ponto de fuga na representação pictórica – um lugar onde a paisagem se reduziria a uma representação figurada, no qual as linhas da perspectiva convergem para um “além” do horizonte do olhar do observador. Um artifício da tecnologia do olhar que se tornou a própria escrita da percepção visual para os renascentistas (2007:77). Importante destacar, para fins de estudo, que a autora diferencia o “jardim” da “paisagem”. Para a autora, enquanto a “paisagem liga-se a uma ideia de construção que dá forma um enquadramento, medidas a nossas percepções – distância, orientação, pontos de vistas, situação, escala [...] de um horizonte” (2007:11), o jardim é uma visão fechada que desperta nos seres humanos o interesse por sua casa, sua morada”. O jardim evoca uma natureza em construção particular, dentro de uma paisagem natural e distanciado de um lócus social. Ele é um refúgio seguro, uma forma de habitar em meio ao caminho entre dois

perigos: o da natureza e da sociedade. Segundo Cauquelin, o jardim oferece esse efeito paradoxo amável de ser “um fora dentro” (2007:63).

Diante disso a paisagem está ligada a muito afetos e simbologias apreendidas na cultura, onde a imagem, nos trabalhos de Lilian Maus, se apreende durante a experiência do caminhar em condições permeadas de encontros com a natureza e pontos de vistas da paisagem – um grande inventário das formas, cores e linhas relacionadas a uma figuração de ordem plástica e visual, em que - ora a artista imerge na paisagem, ora no jardim – seu atelier.

No contexto do afeto, a paisagem, de certa maneira, relaciona-se ao estado de um corpo que é afetado - um corpo que sofre uma ação externa e é afetado por esse. De acordo com Spinoza- Ética III, o afeto é uma mudança ou modificação que ocorre simultaneamente no corpo e na mente. A maneira como uma pessoa é afetada pode diminuir ou aumentar a sua vontade de agir. Para Deleuze e Guattari, revisando o conceito de affectus - afecção em Spinoza, distingue “afeto - affectus” de “afecção”, o primeiro está ligado a uma ideia de sentimento e o segundo a aquilo que nos afeta. Para ou autores:

Numa primeira determinação, uma afecção é: o estado de um corpo enquanto sofre a ação de um outro corpo [...] “Eu sinto o sol sobre mim”, ou então, “um raio de sol pousou sobre você”; é uma afecção de seu corpo [...] a ação do sol ou o efeito do sol sobre você. Em outros termos, é um efeito, ou a ação que um corpo produz sobre um outro; uma vez dito que Spinoza, por razões de sua física, não crê em uma ação à distância, a ação implicará sempre em um contato, a afecção será uma mistura de corpos. A affectio é uma mistura de dois corpos, um corpo que é dito agir sobre o outro, e o outro que vai acolher a marca do primeiro. Toda mistura de corpos será chamada afecções [...] (DELEUZE, GUATARRI, 2019:45).

Desta maneira a experiência vivenciada pela artista, tanto nos encontros com a natureza quanto com as pessoas que habitam o lugar, suscitam relações afetivas e “afectivas” entre o fazer da artista e o lugar. Aquarelas, fotografias, vídeo e instalações recriam o local, dando forma a paisagem através dos caminhos por terra, por água e por ar.

Noutra dimensão pode-se fazer a leitura das obras em diálogos da arte e como se conectam a outros campos do saber. As pesquisas vinculadas a produção plástica e a produção teórica, nos deslocamentos da artista, constituiu-se como espaço de

criação e reflexão no contexto da arte contemporânea e algumas abordagens incidem sobre o conceito de paisagem enquanto elaboração cultural, produto de uma experiência perceptiva, envolvendo experiências com o local. Essa produção vinculada a paisagem se aproxima de uma representação com base na cartografia do lugar, em um complexo e relativamente detalhado inventário. Ligado ao campo da biologia, a artista faz um levantamento da fauna e da flora em aquarelas. No *Inventário de Fauna e Flora*, a técnica escolhida lembra as imagens dos artistas viajantes e sua conexão com os estudos da botânica. Os artistas viajantes produziam seus trabalhos a partir de suas experiências ligadas ao lugar para qual viajavam. Com o intuito de registrar, os desenhos e pinturas que realizavam tinham valor documental e acompanhavam os deslocamentos no espaço, descobertas de paisagens e tipologia humana. Os exploradores europeus dos séculos XVIII e XIX engajavam os artistas viajantes que integravam as expedições artísticas e científicas dos territórios conquistados, com o objetivo de registrar a fauna e a flora e povos exóticos.

Lilian Maus traz para o debate, na arte contemporânea, as contribuições dos artistas viajantes de um ponto de vista do olhar expedicionário. Seus trabalhos dialogam com as experiências da artista viajante Marianne North (1830 -1890), Margarete Mee (1909 -1988) e Maria Graham (1785 - 1842), entre outros.

Entre 1872 e 1873, Marianne North produziu 112 pinturas a óleo sobre papel e tela do Rio de Janeiro e de Belém. North fazia esboços com lápis e aquarela para recobri-los com óleo, apontando o local da observação, junto a classificação científica da fauna e flora representadas. Atualmente o conjunto de sua obra encontra-se na Marianne North Gallery, uma galeria-monumento do Kew Garden, em Londres. Outras 2 viajantes inglesas se propuseram a pesquisar a botânica. Margarete Mee tornou-se uma artista de botânica pelo Instituto de Botânica de São Paulo em 1958. Em suas pesquisas, a partir de 1964, explorou a floresta tropical e mais especificamente, o estado do Amazonas, pintando as plantas que viu e colecionando algumas outras para ilustrar posteriormente. Margaret Mee, também produziu relatos de suas viagens em busca das flores, fotografando em seu habitat natural, desenvolvendo um amplo trabalho em torno da ilustração em aquarela. A artista realizava longas viagens em busca de suas plantas, entre elas “Novalis” em busca da

flor azul e chegou a levar 24 anos até encontrar aberta a "Flor da Lua" (*Selenicereus wittii*, Cactaceae), a qual desejava pintar. Esta espécie floresce durante uma noite ao ano e é endêmica da floresta amazônica. Com uma vasta produção, além de criar quatrocentas pranchas de ilustrações em guache, quarenta sketchbooks e quinze diários, deu visibilidade a floresta amazônica numa verdadeira poética entre a arte e a botânica. Maria Graham, antecessora de Margarete Mee, atuou como pintora, desenhista, escritora e historiadora. Publicou *Journal of a Voyage to Brazil and Residence There During Part of the Years 1821, 1822 and 1823*, um diário com suas impressões sobre o panorama da cidade do Rio de Janeiro, com aquarelas e desenhos de sua autoria e do pintor Augustus Earle (1793 -1839). Em seus desenhos, Maria Graham apresenta vistas surpreendentes e pitorescas dos lugares percorridos. As obras revelam um olhar atento e um domínio técnico que se destacam não somente pelo caráter documental, mas por suas qualidades artísticas.

Em relação à região de Osório, antiga Nossa Senhora da Serra, (MAUS:2016), dois artistas expedicionários merecem destaque, Jean Baptiste Debret (Paris, 1768 — Paris, 1848) e Auguste de Saint-Hilaire (Orleães, 1779 — Orleães, 1853). Debret pintou a paisagem de Osório, suas montanhas, lagoas e campos e Saint-Hilaire que era botânico e naturalista, descreveu espécies de fauna e flora, retratando também os costumes do povo da região. A produção documental de Debret, durante a suas viagens pelo Rio Grande do Sul e outras cidades do interior do Brasil, resultaram em pranchas de aquarela. Suas viagens artísticas e científicas estavam vinculadas a instituições culturais e de ensino, como o Jardim botânico, a Biblioteca Nacional e a Academia Imperial de Belas Artes.

A conexão entre arte e biologia, empresta aos trabalhos de Lilian Maus a prática da coleta e catalogação de espécies da natureza que ultrapassam o registro documental. A arte das aquarelas, que servem de motivação na obra da artista, tende a representar a forma entre linhas e cores, modelando as tonalidades. A figura, em desenho e aquarela quase sempre se destaca sobre um fundo, sinalizando a importância do elemento observado sobre o cenário. A aquarela, por ser composta de pigmentos delicados e líquidos fluídos é de fácil transporte e pode acompanhar os deslocamentos percorridos pela artista na paisagem. Vale destacar que durante

muito tempo a aquarela foi preterida por muitos colecionadores, em detrimento da pintura a óleo ou em acrílico, por sua fragilidade. Para os artistas, na maioria das vezes, a aquarela foi utilizada como um recurso aos estudos, sem se destacar uma das linguagens da arte. Porém, Lilian Maus ressignifica a técnica da pintura em aquarela, criando jogos pictóricos com outros materiais de naturezas distintas, como o pastel, o crayon, o nanquim e o acrílico e clepsidra.

A produção plástica, na série *Inventário de Fauna e Flora*, apresenta 18 desenhos/aquarelas que representam espécies da fauna e da flora a partir da observação direta. A artista utiliza do próprio plano da terra como suporte, a folha de canson sobre a superfície irregular da terra não permite traços precisos, a mão da artista precisa estar leve e acompanhar o deslocamento do traçado. No entanto, os animais que se movimentam mais rápido são registrados pela fotografia e pequenos vídeos feito pelo celular para, posteriormente, serem trabalhados no ateliê. Nestes caminhos percorridos pela terra, vamos encontrar desenhos híbridos, de aquarela, grafite e acrílico sobre papel na representação de arbustos, insetos, aves, mamíferos, entre outros. No inventário, as plantas apresentam um detalhe ampliado de um galho, ou de uma folha e, ou de um fruto, ao lado da imagem do arbusto. O detalhe, às vezes apresenta a imagem ampliada sob uma espécie de lente, outras a imagem flutua sobre a folha de canson. Em relação a flora, na maioria das vezes, a imagem é apresentada sem uma composição que a integre na paisagem. São recortes da vegetação encontrada, nas idas e vindas, nos caminhos percorridos por trilhas na mata. Da mesma maneira, a fauna nos remete a ideia de um registro da forma e das cores sem um maior contexto de cenário. Ao fundo da composição, a paisagem, quando aparece está borrada e indica um cenário em proporção, a exemplo disso é a aquarela que traz a imagem de uma Largara – medira, nome científico: *Autoplusia cf. egena*, em que a artista usa sua própria mão para estabelecer a noção de tamanho, e sua relação com o movimento, “de palmo a palmo pela mão”. Nos desenhos/aquarelas, a artista prefere revelar a imagem observada, sem interferência do meio ambiente, enquanto deixa para as palavras a descrição poética, do ser observado, no livro de artista *Estudos da Terra, Inventário de Fauna e Flora*.

Para Lilian Maus (2016: 298) a CENTOPEIA - *Cryptops hortensis* (Donovan, 1810) parece um ready-made³.

Não é a folha verde da mata, mas a branca, de papel, que o artrópode dourado explora com seus 16 pares de patas. Com um exoesqueleto transparente feito aquarela, a centopeia, deslocada de seu habitat, é um ready-made de 30 milímetros aos olhos do pintor. (MAUS: 2016).

Na obra *Herbarium*, o processo artístico se aproxima da operação científica. Os 24 trabalhos apresentam espécimes retiradas do terreno durante as idas ao Morro da Borússia. No contexto expedicionário, a coleta e a catalogação dos seres seguem a linguagem técnica dos biólogos Pâmela Engers e Diego Guedes Schneider, envolvidos na pesquisa para, posteriormente serem apresentados de forma artística. Após o processo de secagem, prensagem e catalogação, as folhas, flores e frutos são colados no papel, onde o resultado se aproxima de uma natureza-morta. Além das mostras do reino das plantas, a artista traz outros elementos encontrados e que não se encaixam na catalogação científica, como folhas comidas por lagartas, libélula seca, entre outros. O trabalho revela uma diversidade de plantas exóticas trazidas de outros continentes, além de apresentar as plantas nativas na Mata atlântica. A artista, na obra *Herbarium* procura distanciar-se da apresentação colecionista dos gabinetes de curiosidades e aproximar-se da dimensão política e poética da arte com o mundo.

O livro de artista *Estudos sobre a Terra* reúne o conjunto de trabalhos realizados durante a experiência de deslocamentos sobre a paisagem, dos últimos quatro anos, em três momentos: *Estudos sobre a terra – Estudos sobre a água – Estudos sobre os ventos*. Trata-se de uma observação minuciosa dos fenômenos junto à terra, ao ar e a água em que o olhar não se fixa somente na objetividade, ou na subjetividade, mas que se abre e adapta-se a visão daquilo que se mostra e se esconde no horizonte.

O elemento “água”, em um diálogo constante com a aquarela, por sua fluidez e leveza, acrescenta conteúdos simbólicos e apelos visuais em 3 instalações:

³A analogia entre o redy-made e a Centopeia estabelece a relação deste ser com a antiarte. Transgressora e portadora de singularidade, rompe definitivamente as fronteiras entre arte e vida cotidiana.

Clássico Romano das Lagoas, Ofélia e Pluviometria do pintor navegante.

Em *Abecedário Clássico Romano das Lagoas*, um inventário das lagoas da região, revela uma espécie de cartografia lacustre da paisagem. As águas das 23 lagoas coletadas pela artista, durante suas incursões, estão armazenadas em pequenas garrafinhas e organizadas por ordem alfabética do alfabeto romano, que é igualmente é composto por 23 letras. A obra estabelece cruzamentos entre as narrativas da arte com a ciência, onde a identificação das amostras de água segue a linguagem científica. Cada garrafinha de água está datada e identificada com o nome correspondente ao local de coleta. Já no plano pictórico está a pintura em acrílico sobre papel vegetal quadriculado azul, de aproximadamente 3 metros de comprimento, representando as 23 lagoas: lagoa do Horácio, do Marcelino (antiga sede do Porto Lacustre), do Peixoto, dos Barros, do Lessa, da Caieira, do Passo, dos Índios, da Pinguela, do Palmital, das Malvas, do Armazém, de Tramandaí, da Emboaba, do Caconde, das Traíras, dos Veados, da Emboabinha, das Pombas, do Biguá, do Inácio, do Rincão e da Ilhota do Inácio. Na pintura, as lagoas não estão representadas em tamanho proporcional, segundo artista, a dimensão não é relevante, mas sim a quantidade que a difere das demais regiões.

A instalação *Pluviometria do pintor navegante* será apresentada pela primeira vez, no Rio Grande do Sul, na Casa das Artes Villa Mimosa na exposição “*Deambulações e Fragmentos da Paisagem*”. Na instalação *Pluviometria do pintor navegante*⁴, o corte na paisagem se dá pelo elemento água, apresentando a predominância da cor azul e suas variações tonais. A visualidade da obra remete a linguagem da marinha, em relação a previsões meteorológicas e planilhas dos faroleiros usados para fins de navegação interior⁵ realizada em corpos de águas abrigadas por terra, como lagos, lagoas, baías, rios e canais. As garrafas de dimensões variáveis, simulam a mediação do volume de chuvas do ano, onde a artista

⁴A obra foi apresentada anteriormente na Casa de Eva, em São Paulo na exposição “*Navegação Interior*”, em 2020.

⁵A navegação interior refere-se ao transporte feito em hidrovias interiores. Esse modo de navegar proporcionou muitas descobertas territoriais e riquezas desde o começo da História. Segundo SMITH (1776), através da navegação ao redor da costa do Mediterrâneo foram encontradas e colonizadas as primeiras terras, mostrando a importância da navegação interior em sua obra “*A Riqueza das Nações*”. <https://portogente.com.br/portopedia/74219-navegacao-interior>. Acesso em 20 de agosto de 2020.

usa a própria coleta da água da chuva em um gradiente diluído de aquarela azul turquesa e cobalto.

A instalação *Ofélia* problematiza as referências do passado em documentos da época que relatam o feminicídio da noiva Maria Luíza, na Lagoa dos Barros, em conexão com a área da criminologia, que causa um estranhamento no observador pela junção de realidade e fantasia. Na obra, a artista, busca na técnica da clepsidra com tinta acrílica, óleo e água, uma estratégia para enfatizar a imagem, conferindo uma reunião de atributos poéticos e dramáticos. A colagem e a pintura (clepsidra) elaboradas fundem-se a uma percepção inquieta do fato à estética em *Ofélia*. A lupa, como dispositivo óptico, remete a ideia de que “algo”, ou alguma “coisa” deve ser visto com mais atenção, ou atenção aos “detalhes”. Colada à parede e paralela ao plano de onde encontram-se as notícias e referências do fato do feminicídio da noiva Maria Luíza, a uma lupa sugere um trabalho de investigação da artista.

Uma série de 20 fotografias, de dimensões variadas, coloridas e, em preto e branco, junto a outras reproduções de fotografias antigas, no conjunto colocam a questão do tempo interpolado pelo passado e pelo presente, ligado a percepção da memória em diálogo com arte e a história. Os tamanhos diferenciados das imagens sugerem um movimento, onde o tempo é dado em cortes dimensionais que necessariamente não se vinculam a importância dos fatos, ou das imagens. Cada imagem fala por si mesma e, na composição, em fragmentos traz o relato do naufrágio de 20 de setembro de 1947 na Lagoa da Pinguela. Se, justas postas pela linha do horizonte suscitam uma grande paisagem de forma, linhas e cores, tocadas pela luz e por sombra, pelo passado e pelo presente. A obra *Travessia de Beija-flor por águas doces* coloca em relação as tramas das imagens, em sua totalidade e seus enlaces da memória no conjunto de 20 fotografias, cada uma acompanhada de descrição textual e o nome de cada um dos naufragos. A artista buscou informações a partir das fotografias produzidas durante os quatro anos de expedição pelas águas, realizada com o pescador local José Ricardo, no seu barco *Beija-flor*, a remo de taquara e imagens digitalizadas do arquivo do jornal *Correio do Povo* e do Arquivo Público Municipal Antônio Stenzel Filho. A travessia lacustre é uma homenagem às vítimas do maior naufrágio do estado e acaba reforçando a lenda da Noiva de Branco, na Lagoa dos Barros. Em interface com a história local, o processo do fazer artístico

buscou vincular a obra por meio dos registros fotográficos à prática da navegação lacustre.

Sobre Navegar no Tempo, um caminho pelo tempo e pelo espaço no corpo de águas das Lagoas dos Barros, retomando a memória do feminicídio de Maria Luiza, na década de 40 - detalhe da obra *Ofélia* e da Lagoa da Pinguela, outro detalhe traz uma fotografia da época do naufrágio de 1947 - obra *Travessia de Beija-flor por águas doces*. Em cada de arquivo, metaforicamente guardam a história e alenda, o rosto real e o criado através da sensibilidade da artista. Noutra pasta, o detalhe do filme *Travessia*, documentário e *Processo de Criação* - navegação de barco realizada com o pescador José Ricardo. O tempo alinhavado por recortes no espaço dos mesmos corpos de águas que representam cenários e paisagens, em tempos que se aproximam da história local e do olhar do presente sobre eles.

Na série “*Estudos sobre o vento*” a artista busca referência nos instrumentos da ciência, a Escala Beaufort e de Howard. Sobre o trabalho artístico *Tipologia das nuvens*, um conjunto de seis desenhos de observações feitos em aquarela, nanquim e pastel seco se baseou no estudo da Escala Beaufort, criada pelo anglo-irlandês Francis Beaufort, no séc. XIX (MAUS:2016), por meio da qual o vento é medido em nós, a partir da classificação das vagas na superfície das águas (a teoria de Howard é utilizada até hoje na meteorologia). Ao nomear essas instâncias atmosféricas que estão em constante transformação, a artista busca, na paisagem, a construção de um olhar pictórico dos artistas paisagistas do século XIX que foram influenciados pelas teorias meteorológicas de Luke Howard na época (MAUS:2016).

Na experiência do voo, a partir de um olhar aerodinâmico, a artista busca refletir sobre o caráter dinâmico da visão, em uma experiência perceptiva do voo que se aproxima da visão de prolongamento do corpo, da qual fala Merleau-Ponty. O autor coloca, na teoria da visão, que o mundo é apreendido a partir da consciência de que o olhar nasce como sentido e o exterior se encontra com o interior da linguagem corporal em um num fluxo de trocas entre o mundo exterior e interior. Segundo a artista Lilian Maus, “nesse processo, não somos afetados apenas pelo que é visível, mas também pelo que, como o vento, é invisível e, ainda assim, passível de fazer sentido” (2016:174). Nos Estudos sobre o arco-íris, a artista representa o arco-íris em

diferentes paisagens, em variações de luz, ou ausência dela, em tons quentes, outros frios como metáfora para caminhos que buscam no horizonte uma ponte com o mundo visível e invisível. O arco-íris, no caminho, no fim da estrada ao final da tarde, sobre a montanha, na floresta, sobre uma casa em meio a planície, no mar, ou atrás das nuvens, faz uma ponte para entre os reinos da terra, da água e do ar. Em 6 desenhos em crayon e pastel seco, as imagens representam variações pictóricas do arco-íris.

Já no filme *Travessia*, documentário e *Processo de Criação*, o observador é convidado a conhecer a paisagem com todos os elementos que a constituem, a partir do lugar percebido, a terra, a água e o ar. O vídeo, de 11 minutos, traz a imagem da artista navegando pelas águas das lagoas com o pescador local José Ricardo, no seu barco Beija-flor a remo de taquara. Acena é interpolada por relatos de pessoas da comunidade que falam da aparição fantasmagórica da Noiva da Lagoa em certas épocas do ano e por falas da historiadora Marina Raimundo. Por fim, o vídeo mostra a artista falando sobre o processo criador de *Travessia*.

Em sua maioria, as representações da paisagem surgem em meio as aquarelas e desenhos, meios fluídos e captados da natureza como fragmentos. Sob corte, a paisagem é separada por elementos da terra e a vida que habita este plano, a água, seus movimentos, o céu, suas variações tonais, para em seguida reagrupá-las em séries, reordenando a paisagem. Ao invés de uma verdadeira investigação científica, como fazem os artistas viajantes e a ciência cartesiana, o que a artista nos oferece é um levantamento mais poético do mundo. Sua relação com a natureza se dá através da experiência fenomenológica em interconexão com a com as nomenclaturas das espécies e documentos da ciência. Porém ao recombina-los de modo subjetivo, a artista procura oferecer, segundo Hugo Fortes, “uma percepção poética e ao mesmo tempo crítica, levando-nos a refletir sobre o distanciamento real do mundo natural sensível” (2014:15). Através de um procedimento simples e classificatório, a artista procura demonstrar poeticamente a variedade e a beleza do mundo natural. No entanto para os estudos dos elementos recortados da paisagem, como o céu e a água, as referências estéticas são permeadas por outros campos do conhecimento e suas respectivas gramáticas e sintaxes, como a linguagem da marinha e os

instrumentos de estudo científico dos fenômenos atmosféricos, para transmutar experiências vividas, no campo do sensível e do inteligível.

Nesse sentido, a exposição das obras apresenta uma ideia de paisagem que não está atrelada apenas a aparência externa do que é percebido visivelmente como imagem, nem contida no interior da imaginação da artista. As obras expostas apresentadas em núcleos, mostram que no ato de caminhar há uma estética permeada de conhecimentos teóricos implícitos, onde o resultado desta ato resultam em um inventário da paisagem, com a descrição dos elementos encontrados na natureza através da linguagem artística e de linguagens incorporadas de outras áreas das práticas do conhecimento humano.

Diante disso, o espectador se sente motivado a buscar suas próprias referências estéticas da paisagem, criando possibilidades de encontros entre a linguagem artística com o seu mundo interior e imagens como referências da paisagem.

7 DETALHAMENTO DO PROJETO

Figura 01 - Artista Lilian Maus, 2016



Fonte: <http://www.lilianmaus.art.br/portfolio/travessia-por-terra-agua-e-ar/>.
Acesso em: março 2020

Figura 02 – Voo da artista Lilian Maus na paisagem de Osório



Fonte: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/159359>
Acesso em: março 2020.

Foto by Lilian Maus

Detalhe Livro de artista

Sobrevoo, 2016

Livro de artista, impressão digital

7.1 Seleção de obras

Figura 03 – Inventário de Fauna e Flora, 2016



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/30139267266/in/album-72157671446995423/>

Acesso em: março 2020.

Lilian Maus

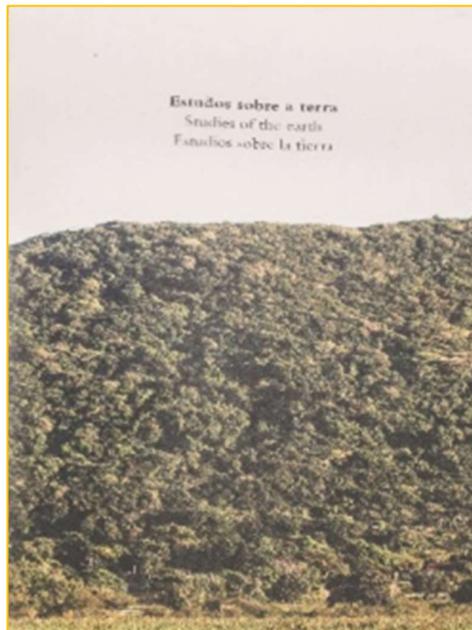
Salvador/BA, 1983

Inventário de Fauna e Flora, 2016

Desenhos em aquarela

29 x 39 cm (cada)

Figura 04 – Livro de artista Estudos sobre a terra, 2016



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/albums/72157712836820532>.
Acesso em: março 2020

Lilian Maus

Salvador/BA, 1983

LIVRO DE ARTISTA ESTUDOS SOBRE A TERRA, 2016

Impressão off set

29 x 30 cm

Figura 05 – Herbarium, 2017



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/49442353472/in/album-72157712836820532/>

Acesso em: março 2020.

Lilian Maus

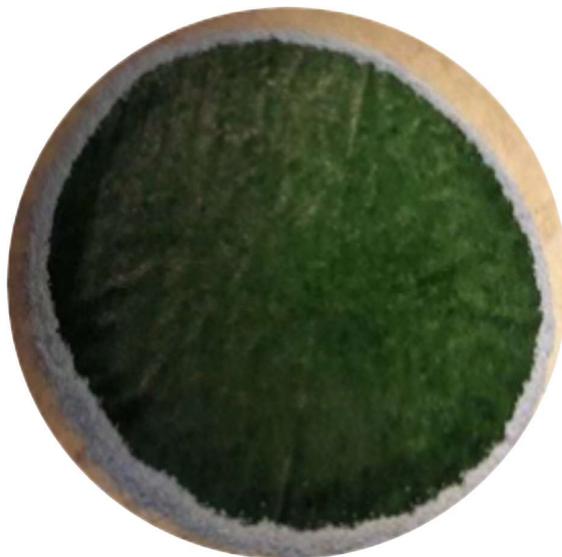
Salvador/BA, 1983

Herbarium, 2017

Fotografias de plantas coletadas no Morro da Borússia,
Osório/RS.

29 x 39 cm (cada)

Figura 06 – Tapete de musgo



Fonte: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/159359> (p. 26) .
Acesso em: março 2020.

Lilian Maus

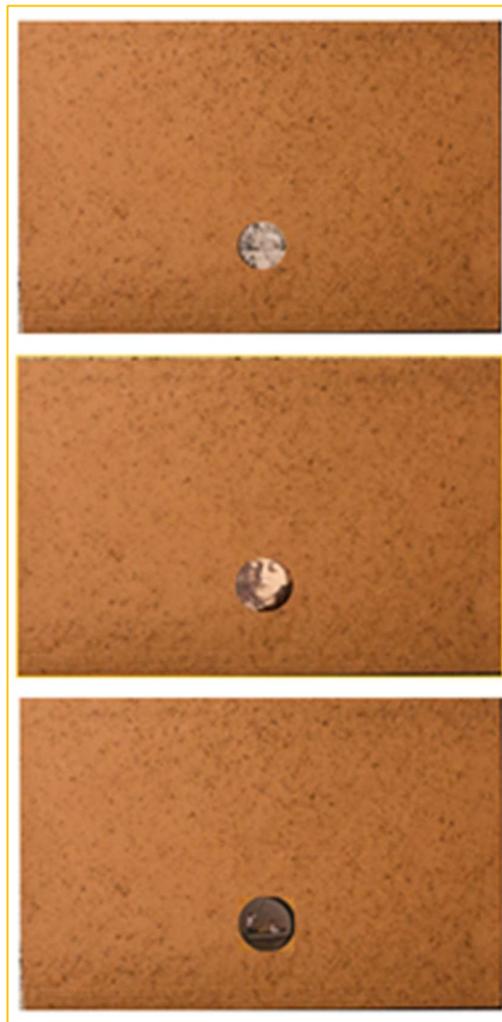
Salvador/BA, 1983

Tapete de musgo, 2015

215 x 150 cm

(integra a obra *Herbarium*, na expografia)

Figura 07 – Sobre navegar no tempo, 2018



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/albums/72157712836820532>

Acesso em: março 2020.

Lilian Maus

Salvador/BA, 1983

Sobre Navegar no Tempo – arquivos, 2018

29 x 35 cm

Figura 08 – Filme Travessia e documentário do Processo de Criação, 2016



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/49442450346/in/album-72157712836820532/>
Acesso em: março 2020.

Lilian Maus

Salvador/BA, 1983

Filme Travessia e documentário do Processo de Criação, 2016

11 min

Figura 09 – Travessia de Beija-Flor por águas doces, 2017



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/38574633902/in/album-72157689574236944/>
Acesso em: março 2020.

Lilian Maus

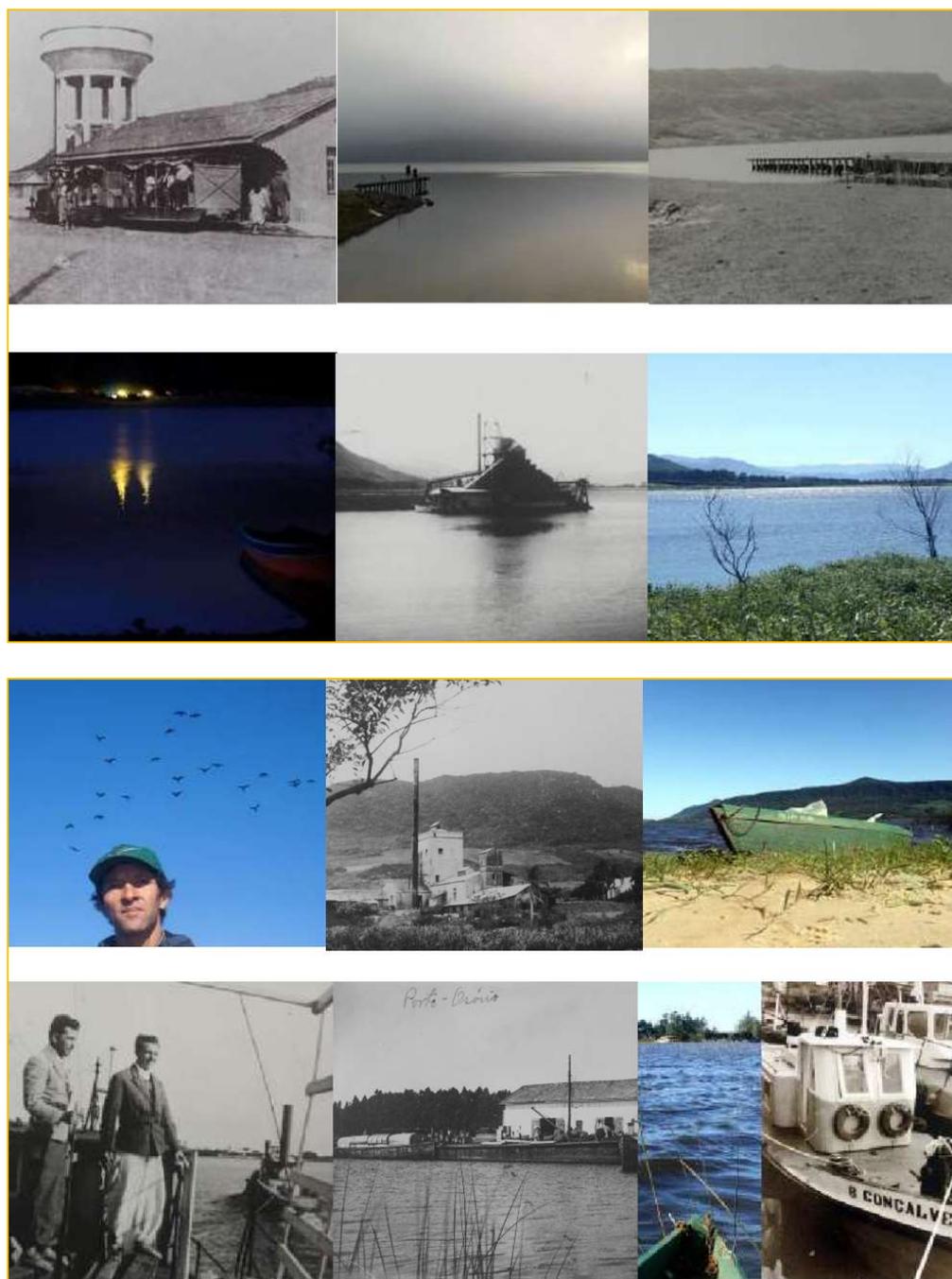
Salvador/BA, 1983

Travessia de Beija – flor por Águas Doces, 2017

Fotografias digitalizadas

30x40cm a 10x15cm

Figura 10 - Fotografias da obra Travessia de Beija-Flor por Águas Doces, 2017 (sem os textos)



Fonte: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/159359>
Acesso em: março 2020.

Figura11 – Instalação Ofélia, 2018



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/49442130416/in/album-72157712836820532/>

Acesso em: março 2020.

Lilian Maus

Salvador/BA, 1983

Ofélia, 2018

Instalação de parede, lupa, cópias de matérias de jornal,
clepsidra e arquivos históricos

300 x 200 cm

Figura 12 – Instalação Pluviometria do pintor navegante, 2020



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/49604012918/in/album-72157713317206088/>
Acesso em: março 2020.

Lilian Maus

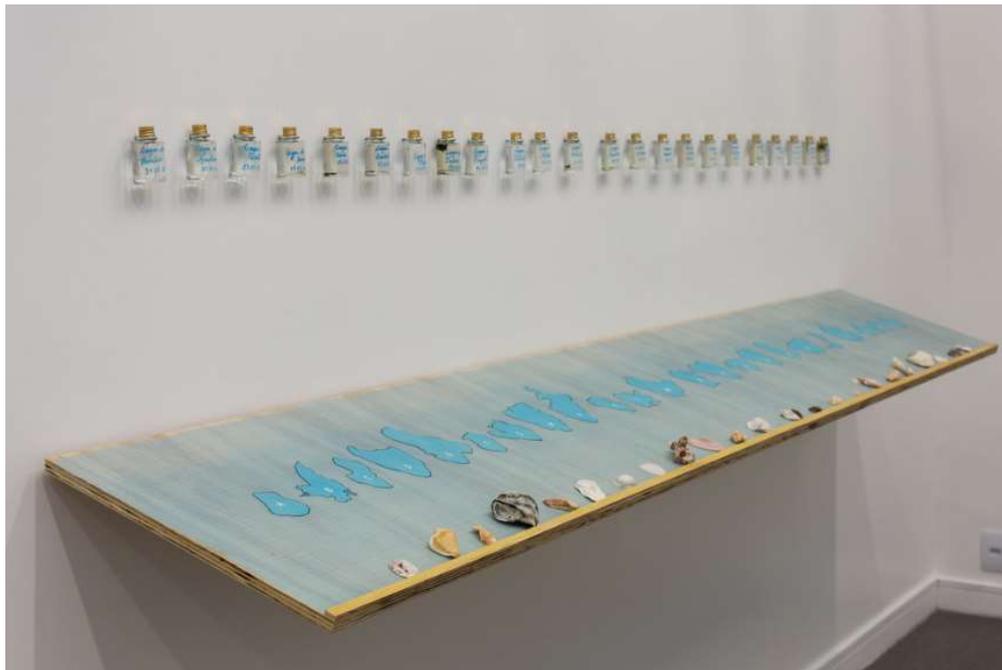
Salvador/BA, 1983

Pluviometria do Pintor Navegante, 2020

Gradiente diluído de aquarela azul turquesa, cobalto e água da chuva

150 x 30 cm

Figura 13 – Instalação Abecedário romano clássico das lagoas, 2016



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/30173726395/in/album-72157671446995423/>

Acesso em: agosto 2020.

Lilian Maus

Salvador/BA, 1983

Abecedário romano clássico das lagoas, 2016

Pintura em acrílico sobre papel vegetal, águas coletadas nas 23 lagoas de Osório.

300 x 150 x 40 cm

Figura 14 – Estudos sobre o vento, 2016



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/30173890885/in/album-72157671446995423/>
Acesso em: março 2020.

Lilian Maus

Salvador/BA, 1983

Estudos sobre o vento: tipologia das nuvens, 2016

Aquarela, grayon, pastel seco

19 x 25 cm cada desenho

Figura 15 – Estudos sobre o arco-íris, 2016



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/15638745636/in/album-72157649027039452/>
Acesso em: março 2020.

Lilian Maus

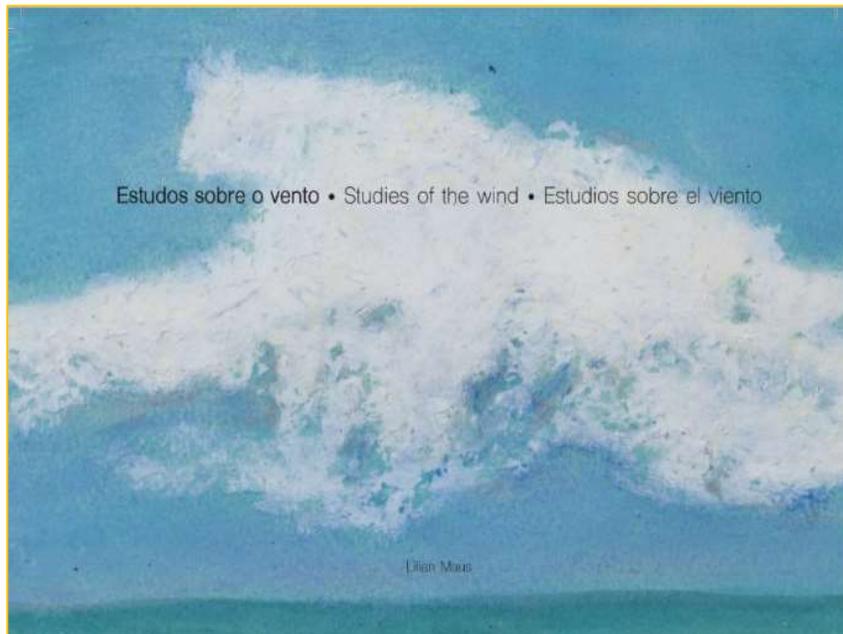
Salvador/BA, 1983

Estudos sobre o arco-íris, 2016

Aquarela, nanquim, pastel

19 x 25 cm cada desenho

Figura 16 - Livro de artista Estudos sobre o vento – voo livre, 2016



Fonte: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/159359>
Acesso em: março 2020.

Lilian Maus

Salvador/BA, 1983

Livro de artista, Estudos sobre o vento – voo livre, 2016

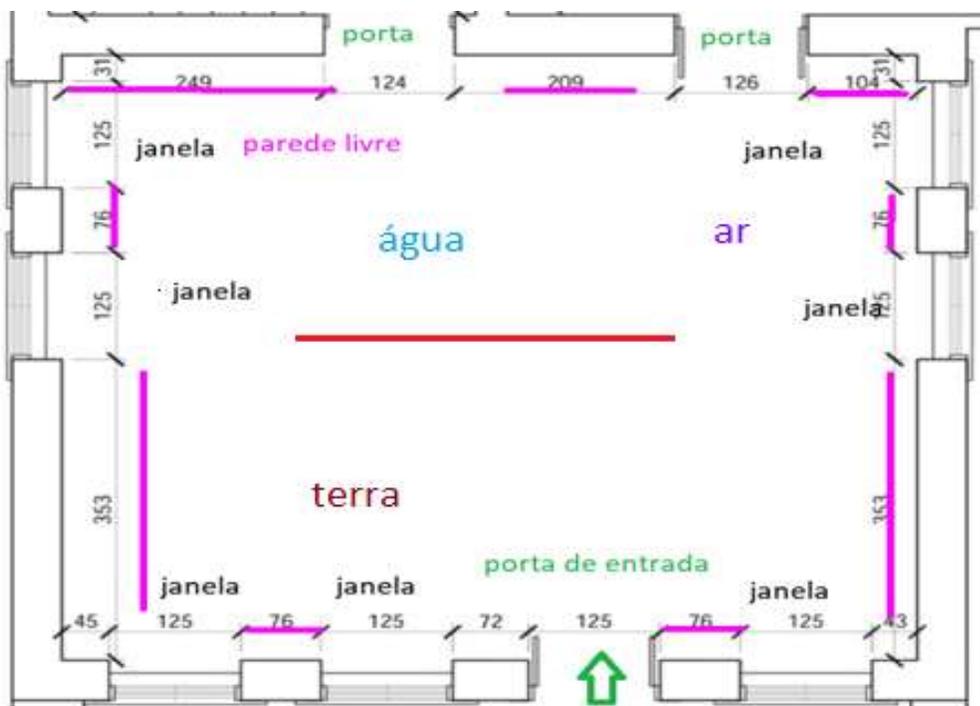
Impressão digital sobre offset, tiragem não determinada

21x15 cm, 24 p.

7.2. Expografia

7.2.1 Planta baixa do espaço expositivo da Casa das Artes Villa Mimosa

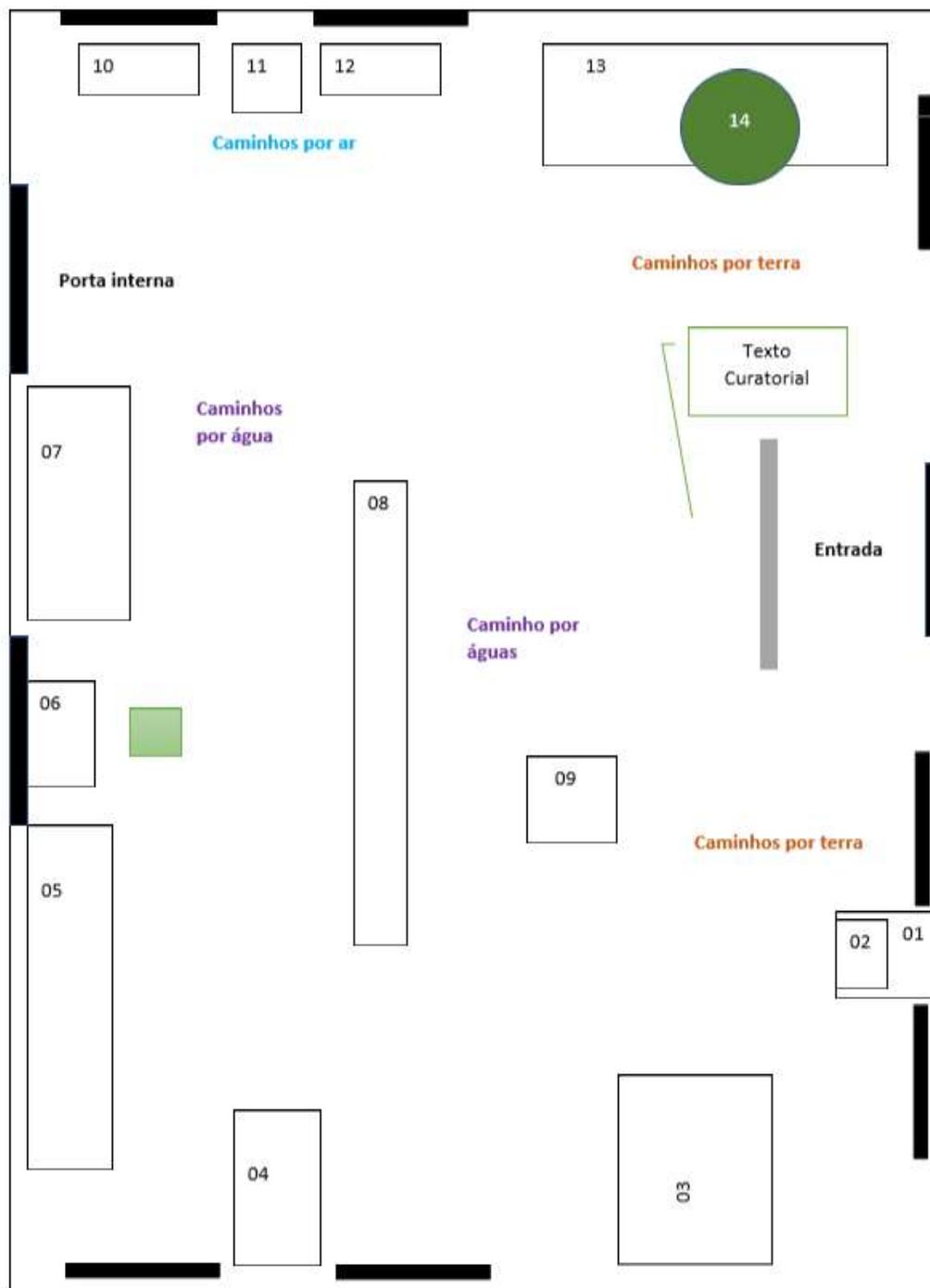
Figura 17 - Planta da Casa das Artes Villa Mimosa



Fonte: Casa das Artes Villa Mimosa, arquivo

7.2.2 Layout da distribuição de obras

Figura 18 - Layout da exposição



Fonte: Rosângela Cardoso

Tabela 01 – Distribuição das obras no layout da exposição

<i>Obras</i>	<i>Ilustração</i>	<i>local</i>
Inventário de Fauna e Flora, 2016	01	Parede 01
Livro de artista Inventário de Fauna e Flora, 2016	02	Parede 01
Inventário de Fauna e Flora, 2016	03	Parede 02
Sobre navegar e o tempo, 2018	04	Parede 03
Travessia de Beija-Flor por águas doces, 2017	05	Parede 04
Filme Travessia e documentário, 2016	06	Parede 05
Instalação Ofélia, 2018	07	Parede 06
Instalação Abecedário romano clássico das lagoas, 2016	08	Centro da sala 01
Instalação Pluviometria do pintor viajante, 2020	09	Centro da sala 02
Estudos sobre o vento: Tipologia das nuvens, 2016	10	Parede 07
Livro de artista, Estudos sobre o vento – voo livre, 2016	11	Parede 07
Estudos sobre o arco-íris, 2016	12	Parede 07
Herbarium, 2017	13	Parede 08
Tapete de musgo, 2015	14	Parede 08
Visão geral	28	Centro da sala 03

Fonte: Rosângela Cardoso (2020)

7.2.3 Detalhamento da expografia

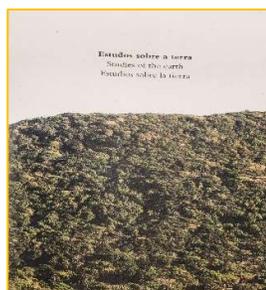
PAREDE 01

Dimensões 76 x 350 cm

Caminhos por terra

Figura 20 –

Livro de artista Inventário da Terra, 2016



Fonte:

<https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/albums/72157712836820532>

Acesso em: março 2020.

figura 19- Inventário de Fauna e Flora, 2016



Fonte: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/159359>

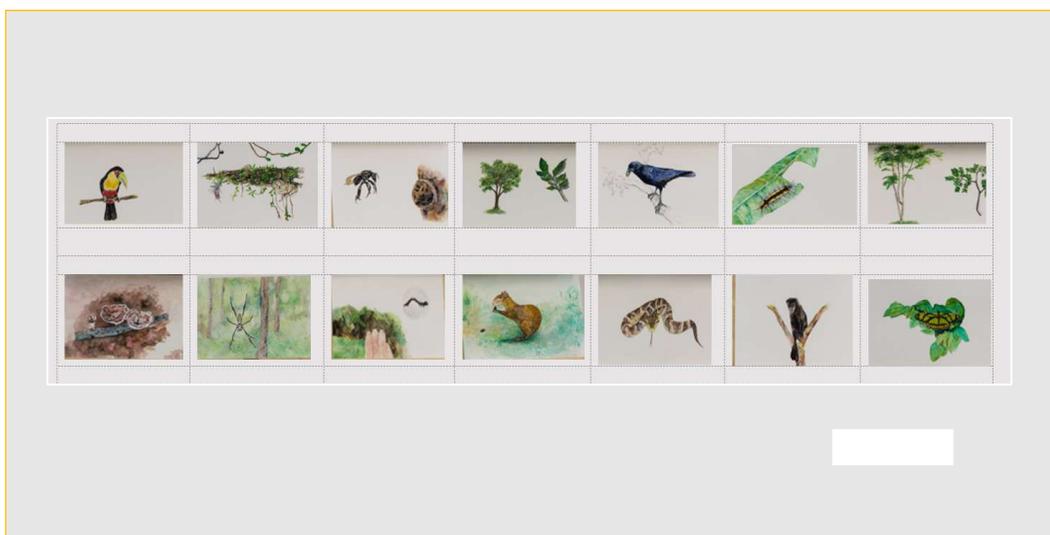
Acesso em: março 2020

PAREDE 02

Dimensões 350 X 353 cm

Caminhos por terra

Figura 21 - Inventário de Fauna e Flora, 2016



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/30139267266/in/album-72157671446995423/>

Acesso em: março 2020.

Acabamento em caixa de acrílico

Dimensões 50 x140 cm

Montagem em placa de MDF cru, 75X200 cm

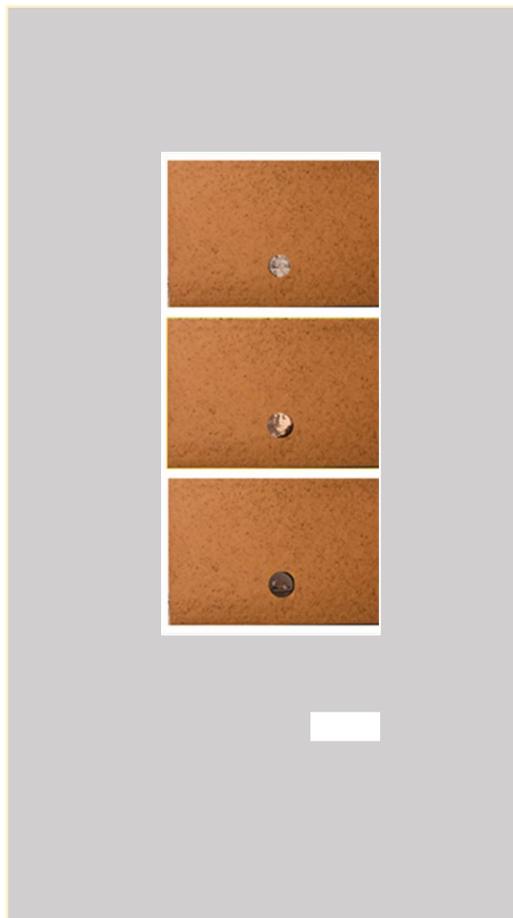
c/ prateleira fixada por mão francesa p/ livro 75 x 50 x 40 cm Dimensões da configuração expográfica: 70 X 350 cm

PAREDE 03

Dimensões 350 X 76 cm

Caminhos por água

Figura 22 - Sobre Navegar no Tempo – arquivos, 2018

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/albums/72157712836820532>

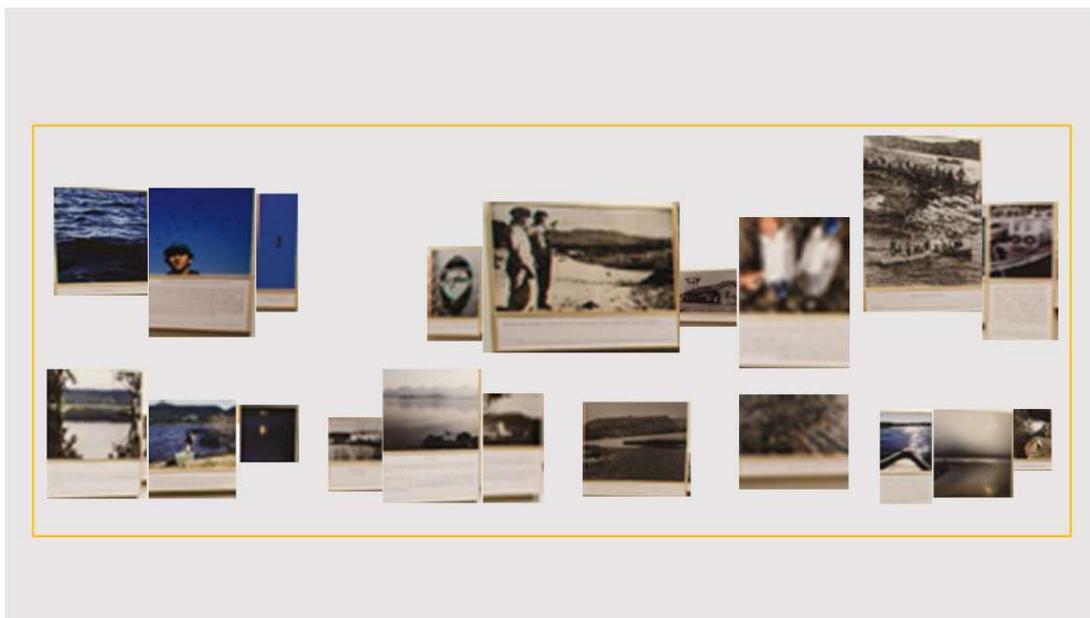
Acesso em: março 2020.

PAREDE O4

Dimensões: 249 x 350 cm

Caminhos por água

Figura 23 - Travessia de Beija-flor por Águas Doces, 2017



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/49442353472/in/album-72157712836820532/>
Acesso em: março 2020.

PAREDE O5 (porta)

Dimensões: 350 x 124 cm

Caminhos por água

Figura 24 – Filme Travessia e documentário do Processo de Criação, 2016



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/49442450346/in/album-72157712836820532/>.

Acesso em: março de 2020.

PAREDE O6

Dimensões: 350 x 209 cm

Caminhos por água

Figura 25 - Ofélia, 2018



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/49442450346/in/album-72157712836820532/>

Acesso em: março 2020

Cópias de documentos, reportagens sobre o naufrágio de 1947, na lagoa da Pinguela, em 20 de setembro, OSÓRIO/RS.

CENTRO DA SALA DE EXPOSIÇÃO 01**Caminhos por água**

Figura 26 - Abecedário romano clássico das lagoas, 2016



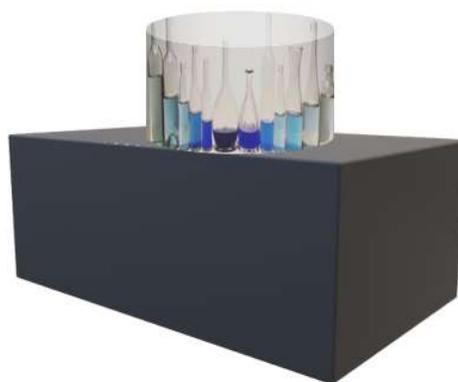
Fonte: Rosângela Cardoso (2020)

Pintura em acrílico sobre papel vegetal, águas coletadas nas 23 lagoas de Osório,
Dimensões: 300cm x 150cm x 40cm (L x h x p)
Vidros presos por fio de aço e anilhas no perfilado do teto

CENTRO DA SALA DE EXPOSIÇÃO 02

Caminhos por água

Figura 27 - Pluviometria do Pintor Navegante, 2020



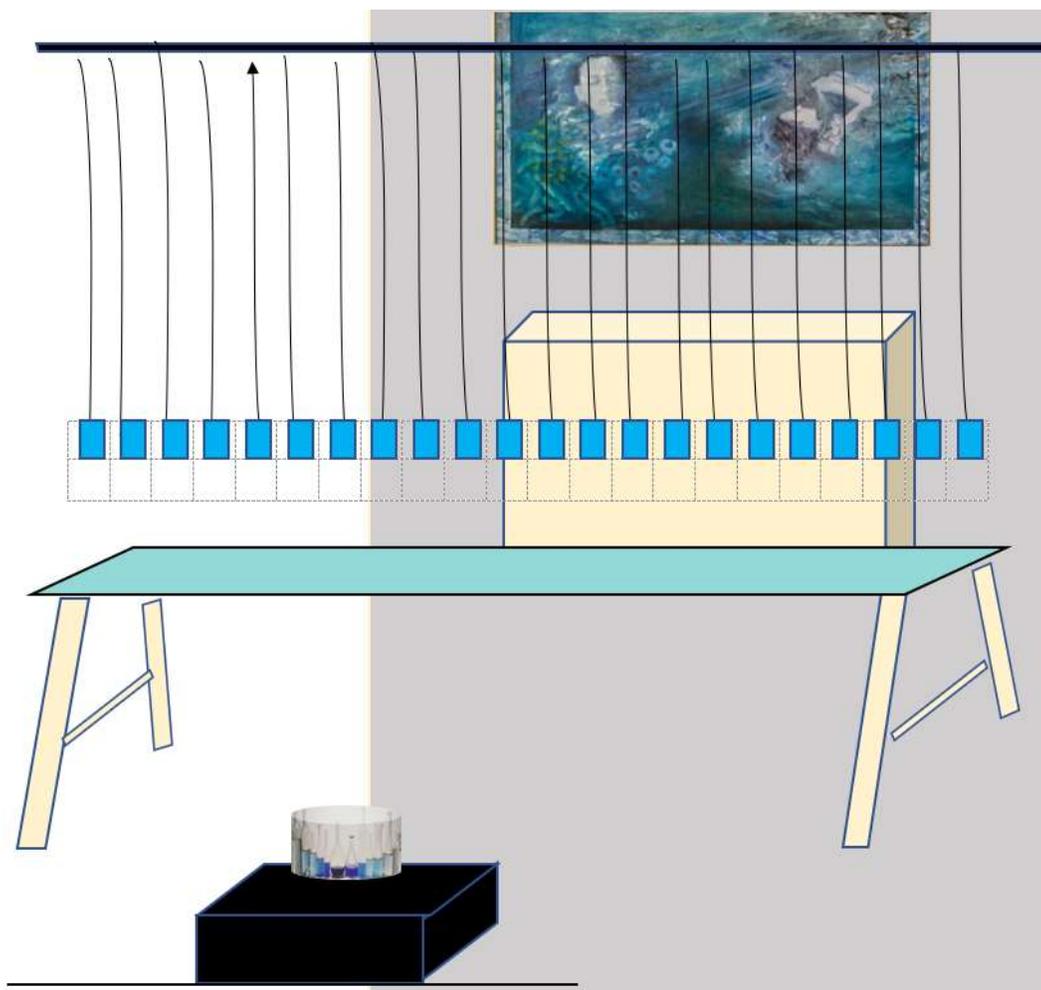
Fonte: Rosângela Cardoso (2020)

12 garrafas de dimensões variáveis com água que simulam a mediação do volume de chuvas do ano, em um gradiente diluído de aquarela azul turquesa e cobalto
cubo preto 60 x 60 cm

CENTRO DA SALA DE EXPOSIÇÃO 03

Caminhos por água

Figura 28 – vista geral



Fonte: Rosângela Cardoso (2020)

Vista geral

1º plano: Pluviometria do Pintor Navegante, 2020

2º plano: Abecedário romano clássico das lagoas, 2016

3º plano: Ofélia, 2018

PAREDE 07 (janelas)

Dimensões: 350 x 326 cm

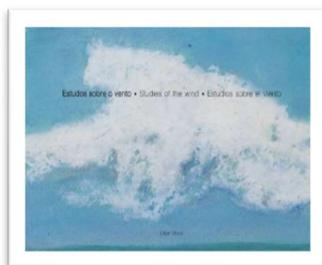
Caminhos por Ar

Figura 29 - Estudos sobre o vento: tipologia das nuvens, 2016



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/30173890885/in/album-72157671446995423/>. Acesso em: março 2020.

Figura 30 - Livro de artista “Estudos sobre o vento – voo livre”, 2016



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/30173890885/in/album-72157671446995423/>. Acesso em: março 2020.

Figura 31 - Estudos sobre o arco-íris, 2014



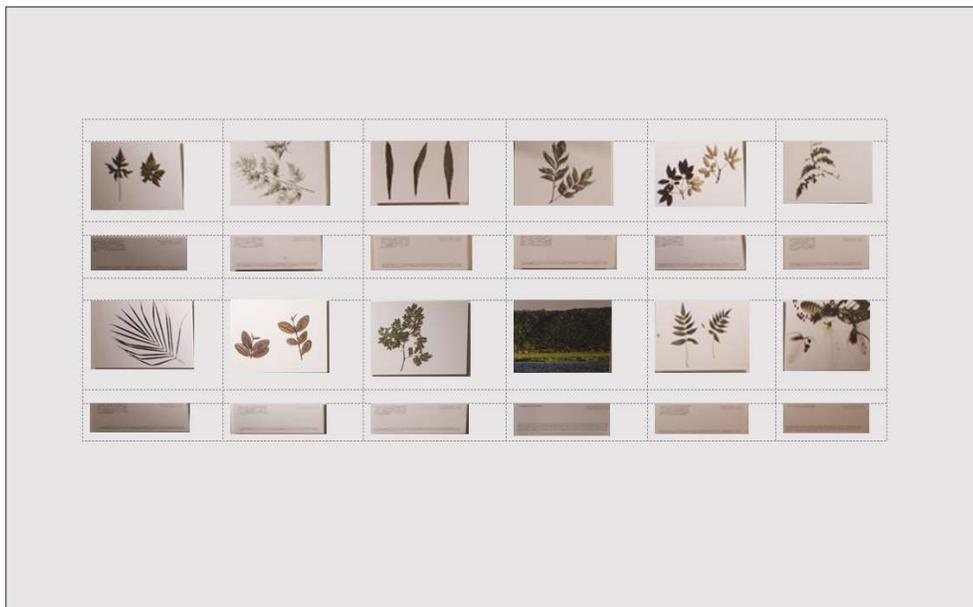
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/15638745636/in/album-72157649027039452/>. Acesso em: março 2020.

PAREDE O8

Dimensões: 350 x 353 cm

Caminhos por Terra

Figura 32 - Herbarium, 2017

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/49442353472/in/album-72157712836820532/>

Acesso em: março 2020.

Figura 33 - Tapete de musgo, 2020

Fonte: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/159359> (p.26).

Acesso em: março 202

7.3 Relações entre as obras e o espaço expositivo

A montagem da exposição se pautou por caminhos do olhar, dispostos na configuração espacial por núcleos, a partir do critério de vizinhança, justa posição e rebatimento.

O trajeto do olhar segue em planos, assim como por núcleos, como em uma grande paisagem. Na entrada da galeria encontramos o primeiro plano terreno e seu caminho pela fauna e flora. A expografia enfatiza o elemento terra com a disposição das obras no formato retangular, no qual as obras estão bem próximas, separadas por aproximadamente, por 5 cm. O intuito é mostrar a densidade dos elementos da terra ligados a paisagem. Como estratégia expositiva, o cofre vermelho entre as janelas foi fechado com uma placa de MDF na cor natural. Sobre a placa foram distribuídos, na vertical 3 trabalhos que se relacionam entre si pelo vazio em suas representações. Na mesma placa, o livro de poesias *Inventário da Terra* em uma espécie de prateleira. A disposição das obras buscou um ponto, como elemento disparador de significados para o conjunto das obras no plano terreno. Já que usualmente os livros ficam em cubos, nesta configuração aproxima-se de uma instalação. Do outro lado da sala está a obra *Herbarium* e um tapete musgo com pedras de jardim que serve de trânsito entre as obras como narrativa e dispositivo de mediação, neste núcleo.

Entre a obra de *Inventário de Fauna e Flora*, estão 3 pastas alinhadas na vertical. A obra *Sobre Navegar no Tempo*, traz pequenas fotografias que, na configuração espacial remete a uma preambulação das obras que serão apresentadas a seguir: o filme Travessias e Ofélia.

No segundo plano, no caminho por água, a configuração espacial explora a paisagem na obra *Travessia de Beija-Flor por Águas Doces*. As 20 fotografias estão alinhadas pela “linha do horizonte”, que ora se aproxima e se agrupa no conjunto de imagens, ora se distancia e se fragmenta. O passado e o presente convivendo, como fragmentos da memória sob um outro olhar. Memória como espaço internalizado dos relatos do passado junto a experiências do presente.

Em seguida temos o filme *Travessia e Processo de Criação* disposto em frente a uma das portas internas do espaço expositivo. Sob um cubo preto de aproximadamente 50 cm de altura e 80 cm de largura, está uma TV 47 polegadas e um fone de ouvido. A frente da TV um outro cubo preto que serve como uma parada no caminho para interagir com a obra. O espectador é convidado a sentar e imergir na imagem que junta todos os elementos da paisagem. A cor preta dos cubos é uma estratégia da visualidade que busca dar profundidade ao espaço.

Acompanhando o trajeto do caminho pelas águas está a instalação *Ofélia*. Em rebatimento com o filme *Travessia* e a instalação *Ofélia* encontra-se a instalação *Abecedário Clássico Romano*. Originalmente essa instalação é de parede, mas em função da arquitetura do espaço expositivo ela foi configurada a partir da exploração espacial aérea. As 23 garrafinhas com as 23 amostras das lagoas foram dependuradas por fio de aço no perfilado do teto, até na metade da altura da janela. A intenção é aproveitar a luminosidade natural durante o dia, provocando refração de luz nas águas e nas garrafinhas, causando um efeito semelhante ao arco-íris no ambiente. Abaixo das garrafinhas, sobre 2 cavaletes, na cor natural, o painel de aproximadamente 3m com a pintura em aquarela. A cor natural do mobiliário faz alusão a organicidade dos elementos naturais relacionados à paisagem.

Em diálogo com a instalação *Abecedário Clássico Romano*, está a *Pluviometria do Navegador*, no plano intermediário do olhar. Justamente para ser olhado de cima, 12 garrafas em tamanhos diferentes, com líquidos em quantidades distintas estão distribuídos em intervalos, aproximadamente de 4 cm.

No último núcleo, o caminho por ar. Aproveitando os espaços das janelas, 2 obras estão suspensas por fio de aço, *Estudos sobre o vento: tipologia das nuvens, 2016*, *Estudos sobre o arco-íris*, na altura do olhar. É uma tentativa simbólica de fazer referência ao “ar”. No espaço intermediário entre as obras está o *Livro do voo*, em cima do cubo de cor natural.

O texto curatorial aplicado em placa de acrílico transparente, na entrada da porta, com espaço de 150 cm da porta, nas dimensões 200 cm x 200 cm, com letras brancas de 2 cm. Espaço entre as linhas de 1,5 cm. Totalizando, aproximadamente 73 espaços/letras na horizontal e 27 linhas.

A placa de acrílico transparente cria uma sensação de veladura sobre as imagens que serão desveladas a partir do momento que o espectador escolher seu caminho. O ponto de partida será o reino terrestre, tanto o espectador pode escolher explorar os reinos pela sua esquerda, ou a sua direita. Sua experiência neste caminhar lançará olhares que direcionaram seus deslocamentos rumo as suas inquietações e maravilhamentos.

As etiquetas são impressas em tamanhos variados, respeitando os dados das obras, na cor branca, fonte Arial Nova, tamanho 18, na cor preta em papel branco, colado em foan. A localização da etiqueta fica à direita e abaixo das obras.

A iluminação é por dispositivos como spots e foram direcionados sobre as obras, de forma a iluminar e as obras sem destacar nenhuma em especial.

7.4 **Proposta educativa:** Oficina de formação para professores de arte-educação e biologia

Através de 1 encontro de 4h com professores da rede municipal, será realizada uma visita guiada à exposição, onde será apresentada uma sinopse dos trabalhos. Os professores serão convidados a percorrerem a exposição a partir dos seus próprios caminhos. Em seguida serão convidados a percorrerem o pátio da Casa das Artes Villa Mimosa e coletarem elementos da natureza, como folhas, flores e galhos caídos ao chão. Em um relato de impressões e observações sobre os 2 caminhos percorridos, um na galeria e outro no pátio, o (a) professor(a) fará um relato, de forma livre na escrita de suas sensações, ou impressões sobre a sua experiência de criar o seu próprio caminho, tanto na exposição, quanto no pátio.

No ateliê da Casa das Artes Villa Mimosa, sobre uma grande mesa estarão pigmentos, nanquim, água, pinceis de várias espessuras, grafitti e papéis em grande formato. Cada professor, a partir das suas anotações elaborará uma imagem que suscite um encontro da obra da artista escolhida com uma memória afetiva de uma paisagem, seja ela qual for: do litoral, da serra, da planície etc., onde essa imagem será ressignificada com o material coletado no pátio da Casa das Artes Villa Mimosa.

O objetivo da proposta é aproximar o olhar sensível do olhar científico, através da experiência do fazer. O formato grande do papel, poderá fazer alusão a paisagem e sua horizontalidade, assim como, também exigirá um deslocamento do corpo para executar a ação. Feito isso os(as) professores(as) refletiram em grupo quais foram os novos significados atribuídos a obra da artista e ligados a experiência vivida pelo (a) professor(a) e como ela poderia servir de motivação para um planejamento de arte-educação e em biologia.

Os(as) professores(as) receberão e-mail com as imagens e texto resumido sobre a exposição e a bibliografia da artista Lilian Maus como material de apoio. Os trabalhos produzidos pelos alunos serão expostos no espaço expositivo, no andar superior da Casa das Artes Villa Mimosa, durante o período da exposição da artista Lilian Maus.

8 TEXTO CURATORIAL

Deambulações & Fragmentos da Paisagem

Caminhar, liberar os pés do que nos prende para encontrar paisagens, pessoas e lugares e, por onde se passa transformar tudo em expressão artística.

A mostra *Deambulações* apresenta 13 trabalhos ontológicos de Lilian Maus dos últimos 5 anos, em uma espécie de inventário da paisagem de Osório/RS, onde a artista vai tecendo histórias e imaginários em um intenso diálogo entre o lugar, o olhar e uma produção de imagens, nas linguagens da pintura, da fotografia, videoarte e instalação.

Trilhas, travessias e voos, modos do caminhar em busca de conhecer os planos ligados a experiência da terra, da água e do ar. Como viajante, em lugares desconhecidos há de se traçar um itinerário, onde a trajetória se dá no próprio caminhar, aventurando-se no desconhecido para desenhar o invisível por trás da floresta.

De diferentes pontos de vistas, a paisagem em fragmentos representada na exposição traz os elementos da natureza conectados a um olhar poético e expedicionário que vai além do arrebatamento contemplativo. Busca, através da arte, criar um campo de conhecimento que reinventa a natureza e ressignifica a paisagem através da cultura. Fatos e lendas, investigações e histórias, em interfaces com a produção plástica de Lilian Maus convidam o público a constituir seus próprios caminhos interpretativos, estabelecendo conexões entre as obras que multiplicam as formas de ver e de sentir essa grande paisagem.

Lilian Maus nasceu em 1983, Salvador/BA e atualmente vive entre as cidades de Porto Alegre e Osório/RS. Artista e Professora de Pintura no Instituto de Artes/UFRGS, e Mestre em História, Teoria e Crítica PPGAV/I. A/UFRGS - Doutora em Poéticas Visuais PPGAV/I. A/UFRGS. Hoje está à frente da curadoria artística do Azzurra, em POA.

9 CONCLUSÃO

O projeto curatorial apresentado, nesta pesquisa, concentrou-se na análise das obras da artista Lilian Maus, sua poética e seus contextos transdisciplinares. Ao pesquisar a produção da artista tomou-se a Paisagem como ponto para criar articulação entre as linguagens artísticas produzidas em lugares diferentes e relacionados aos caminhos percorridos pela artista. No estudo do tema da paisagem há uma aproximação da apreciação que liga-se a uma percepção do mundo interior de quem o observa, mas não somente uma projeção de si diante da imagem, por outro lado, enquanto a estrutura do gênero tradicional da paisagem demonstra o desejo de controle sobre o mundo visível: a terra, as plantas, os rios, céus, nuvens e mar.

No entanto, a paisagem na obra de Lilian Maus surge como referência para instigar diferentes olhares sobre o mundo visível, atravessado pela cultura que coloca um “tipo de paisagem modificada” por meio das relações estabelecidas entre as pessoas de uma comunidade e sua natureza circundante.

Para dar conta de materializar o conceito de Paisagem, a expografia e montagem buscou ocupar espaços que tivessem, além da visualidade, um impacto físico, como por exemplo a instalação Abecedario romano clássico das Lagoas - que saiu da parede e ocupou o teto e o centro da sala. O processo curatorial representou um grande desafio, no sentido de incorporar os estudos do curso de pós graduação em práticas curatoriais do I.A-UFRGS aliado a intuição e experiência, dado as inúmeras chaves de entradas na obra de Lilian Maus.

Porém, o resultado final traz uma reflexão sobre as obras e uma proposta de curadoria que considera a participação da artista nas escolhas das obras, mas que coloca, também a figura do curador como autor no processo de ressignificar espaço/obra/conceito por meio de provocações visuais e fenomenológicas.

BIBLIOGRAFIA

ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BROWNLEC, Peter John. Paisagens na América, pinturas da Terra do Fogo ao Ártico, Pinacoteca de São Paulo, 2016.

CANTON, katia. Poéticas da Natureza- PGEHA/Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

CARERI, Francesco. Walkscapes- O Caminhar como prática estética, São Paulo: G. Gili, 2013. CATTANI, Icleia Barbosa. Pela arte contemporânea: desdobramentos de um projeto / Icleia Barbosa Cattani [e] Maria Amélia Bulhões. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017

CAUQUELIN, Anne. A invenção da paisagem. São Paulo: Martins Fontes. 2007.

COLLOT, Michel. Poética e Filosofia da Paisagem, Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

DELEUSE, Gilles, GUATTARI, Felix. O que é filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante da Imagem: Questão colocada aos fins de uma história da arte. São Paulo: Editora 34, 2013.

HOLZER, Werther. Um Estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar: A Crônica dos Viajantes do Brasil do século XVI. 1998. 257 fls. Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. São Paulo, 1998.

HUMPHEYZ, Richard. A paisagem na arte: artistas botânicos na coleção da Tate. São Paulo, Pinacoteca do Estado, 2015.

KLEE, Paul. Sobre a arte moderna e outros ensaios. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

_____ O olho e o Espírito. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MOISÉS, Leila Perrone. Pensar é estar doente dos olhos. In: Novaes, Adauto (org.). O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

OLIVEIRA, Mirtes Matins de. História das exposições: Casos exemplares. São Paulo: EDUC, 2016.

Teses e Dissertações:

JUNQUEIRA, Lilian Maus, (Des)apre(e)nder o ver com a paisagem: a expedição pela Paragem das Conchas, Tese de Doutorado em Poéticas Visuais- Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre 2016.

PRATES, Kátia Prates. Paisagens: imagens sob corte. (Mestrado em História, Teoria e Crítica da Arte – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul), 2004.

Artigos em Periódicos:

CARVALHO, A.M. A exposição como dispositivo na arte contemporânea: conexões entre o técnico e o simbólico. Revista de pós-graduação em ciências da informação da Universidade de Brasília, v. 1, n.2, p. 45-58, jul-Dez 2012.

DALCOL, Francisco. “O tempo das coisas”: processos artísticos, procedimentos curatoriais e estratégias expositivos, Anpap, 27º Encontro dos Pesquisadores em Artes Plásticas - Práticas e Confrontações, São Paulo, 24 a 28 de setembro de 2018.

DELEUSE, Gilles, GUATTARI, Felix. Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981) – 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2019.

FORTES, Hugo. Interações entre natureza e ciência na arte contemporânea. Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais, v.01, n.02. Dez, 2014.

Sites

PALLAMIN, Vera. Fenomenologia, paisagem e arte contemporânea: Disponível: http://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/09/fenomenologia_paisagem_e_arte_contemporanea.pdf

Abecedário das Lagoas

<https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/49441652528/in/album-72157712836820532/>

Estudos sobre o vento: tipologia das nuvens

<https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/30173890885/in/album-72157671446995423/>

Estudos sobre o arco-íris

<https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/15638745636/in/album-72157649027039452/>

Filme Travessia e documentário Processo de Criação

<https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/49442450346/in/album-72157712836820532/>

Herbarium

<https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/49442353472/in/album-72157712836820532/>

Inventario de Fauna e Flora

<https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/30139267266/in/album-72157671446995423/>

Instalação Ofélia

<https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/49442130416/in/album-72157712836820532/>

Sobre Navegar no Tempo - arquivos

<https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/49442358762/in/album-72157712836820532/>

Travessia de Beija-flor por Águas Doces

<https://www.flickr.com/photos/lilianmaus/38574633902/in/album-72157689574236944/>

Viagem pitoresca ao litoral gaúcho. Disponível:

<http://www.rodrigotrespach.com/2016/12/07/viagem-pitoresca-ao-litoral-gaucha/>